

ATELIÊ

GAIÁ

Realização:



SAÚDE



Apoio:





SUMÁRIO

- 6 APRESENTAÇÃO**
Alexandre Teixeira Trino
- 10 CURADORIA COMO PRÁTICA DE ATELIÊ**
Carolina Rodrigues
Napê Rocha
Gabriel Reis
Geovana Melo
- 20 O DESPERTAR DO GAIA EM NÓS MESMOS**
Diana Kolker
- 38 ATELIÊ GAIA E O SONHO DE ARTISTA**
Juliana Trajano
- 46 ARTISTAS**
- 48 GILMAR FERREIRA**
- 58 LEONARDO LOBÃO**
- 68 PATRICIA RUTH**
- 78 ARLINDO OLIVEIRA**
- 90 LUIZ CARLOS MARQUES**
- 100 SEBASTIÃO SWAYZZER**
- 106 CLOVIS APARECIDO**
- 118 PEDRO MOTA**
- 128 VICTOR ALEXANDRE**
- 136 ANDRÉ BASTOS**
- 140 ROGÉRIA BARBOSA**
- 150 JANE ALMENDRA**
- 162 RANIERI**
- 170 IVANILDO FERREIRA**
- 182 ARTE, MUSEU E PRODUÇÃO ARTÍSTICA**
Andrea Maia G. Pires
Priscila Faulhaber Barbosa
- 194 POESIA**
Elzi Lopes

APRESENTAÇÃO

ALEXANDRE TEIXEIRA TRINO

6

O catálogo do Ateliê Gaia é uma realização importante para o Museu Bispo do Rosario. A relevância do Ateliê Gaia se consolida no cotidiano desta instituição por meio do movimento coletivo de artistas comprometidos com sua arte, criação e protagonismo nas ações do museu, na convivência produtora de autonomia, responsabilidade e cuidado. O vínculo dos artistas vem sendo construído e fortalecido no Museu Bispo do Rosario, trilhando o caminho sinuoso e desafiador de se tornarem sujeitos de direitos e deveres em um permanente processo de integração com a rotina da instituição.

O programa de formação continuada, desenvolvido por meio de práticas artísticas com os participantes do Ateliê Gaia, se fortalece por estratégias de inclusão, geração de trabalho e renda, com o propósito de inserir os artistas no circuito de artes da cidade do Rio de Janeiro. Desta forma, a participação desses artistas nos projetos curatoriais do museu e na consolidação do projeto de gestão institucional vem se intensificando, tendo como um de seus marcos mais significativos, no início de 2024, a reforma do Grande Salão do museu para abrigar a nova sede do Ateliê Gaia.

A gestão e consolidação dos projetos institucionais do Ateliê Gaia, realizada pela Coordenação de Educação e Arte do museu, se destaca mais uma vez com esta

publicação. Um catálogo que reúne parte importante de um rico acervo de obras, apresentando leituras fotográficas da intensa produção do Ateliê, representada pelos artistas: Arlindo Oliveira, Clovis Aparecido, Gilmar Ferreira, Ivanildo Ferreira, Jane Almendra, Leonardo Lobão, Luiz Carlos Marques, Patrícia Ruth, Pedro Mota, Ranieri, Rogéria Barbosa, Sebastião Swayzzer e Victor Alexandre Rodrigues.

7

Trata-se, portanto, de um catálogo que será veículo documental para ampla divulgação do valioso trabalho que este museu vem realizando, através de revitalizações institucionais e mudanças empreendidas no ano de 2024 que faz do Ateliê Gaia uma importante peça na construção da visibilidade institucional do Museu Bispo do Rosario.

Ainda que a centralidade esteja na enorme responsabilidade de sermos guardiões e expositores do acervo da magnífica obra de Arthur Bispo do Rosario e seu legado, a publicação do Catálogo do Ateliê Gaia, demonstra força institucional do museu ao pôr em prática o conceito de museu expandido, integrado com a comunidade e com o compromisso de dar visibilidade a produção de seus artistas.

Parabéns e vida longa ao Ateliê Gaia!



PALAVRAS

SE

TRAZ

UMA



DE UM

CURADORIA COMO PRÁTICA DE

ATELIÊ

CAROLINA RODRIGUES
NAPÊ ROCHA
GABRIEL REIS
GEOVANA MELO

Em 2024, vivemos o centenário da Colônia Juliano Moreira, uma grande oportunidade para refletir criticamente sobre os projetos idealizados para este lugar e como sua história foi subvertida e reescrita pelos sujeitos que constroem cotidianamente as narrativas deste espaço – seja por seus discursos ou por suas expressões artísticas.

Sendo assim, nada mais simbólico do que abrir o ano com a inauguração do novo Ateliê Gaia, que aconteceu no dia 6 de janeiro de 2024, marcando o retorno do espaço de trabalho do coletivo à sede do Museu Bispo do Rosario e, também, materializando o protagonismo e o seu impacto no desenvolvimento das dinâmicas institucionais. A construção do novo espaço, fruto de um trabalho estruturado por muitos anos por profissionais que pavimentaram essa estrada, torna-se o primeiro projeto conduzido por esta gestão curatorial junto à Coordenação de Educação e Arte. O ambiente comporta uma galeria expositiva em primeiro plano, no mezanino, onde o público pode encontrar um panorama da produção dos 13 artistas que atualmente compõem o coletivo,

com uma curadoria elaborada coletivamente, que privilegiou a diversidade de materialidades e fases de produção de cada um. Ao descermos a rampa, é possível contemplar um espaço de trabalho amplo, onde são apresentadas as obras em processo e onde os artistas podem escolher receber visitantes e compartilhar suas práticas.

Abrir os trabalhos curatoriais a partir de intensas trocas com os participantes do Gaia certamente teve um impacto permanente na construção da concepção da nova direção artística do museu. É a partir do olhar desses artistas, de suas reivindicações, das diferentes perspectivas críticas e das abordagens poéticas que se construíram as linhas de ação que viriam a ser desenvolvidas por essa equipe, considerando os projetos, eventos, propostas expositivas e articulações institucionais externas.

É por essa via que a vocação do museu toma corpo, qualifica-se e se torna viva. Muito mais que uma produção estética, poética e narrativa, o Ateliê Gaia tem sua atuação expandida e se consolida na elaboração de curadorias, como a da exposição de longa duração do Museu Bispo do Rosario, intitulada Arte Ponto Vital, que reúne obras dos artistas ao lado de Arthur Bispo do Rosario, fotografias e documentos que traçam um panorama do que foi a Colônia Juliano Moreira em seu contexto asilar, assim como obras de outros artistas que viveram nessa instituição, como o pintor Antônio Bragança, demonstrando a presença histórica das práticas artísticas e seu protagonismo na luta antimanicomial.

Ao longo dos anos, também é importante destacar a participação de artistas em outros

12

projetos dentro e fora do museu, em curadorias coletivas, oficinas, palestras, participação em eventos enquanto representantes da luta antimanicomial, apresentação de performances e publicação de livros. Acompanhando essas diferentes trajetórias, o Museu Bispo do Rosario, torna-se uma plataforma de suporte e impulsionamento de carreiras que, por si só, apresenta um histórico inspirador.

O sistema de arte costuma ser um lugar de relações efêmeras, pontuais, de descontinuidades. Constantemente, artistas são convidados a criar trabalhos específicos para instituições, ou mesmo vivenciar os espaços por um curto período de tempo a fim de desenvolver suas pesquisas. Ter um espaço de criação contínua no qual artistas trabalham e constroem a história de um museu, como é o caso daqueles que têm o Ateliê Gaia como lugar de criação, representa, certamente, um outro entendimento do que significam as relações entre artista e instituição no campo museal.

Assim, percebe-se que as ideias transbordam as telas e avançam sobre a própria política institucional. Que as histórias compartilhadas avançam sobre as escadas do Museu Bispo do Rosario e se transformam em prática curatorial. Que as fronteiras do sistema da arte são tensionadas, criticadas e rejeitadas, e estigmas são rompidos ao reivindicarmos o trânsito por todos os espaços.

Estabelecer um programa curatorial em um território profundamente marcado por uma trajetória de institucionalização, supressão das liberdades individuais e apagamento das identidades é um desafio contínuo, diante dos riscos de reencenar

13

cenários de violência. Por isso, elaborar um trabalho comprometido com a comunidade que vivenciou essas histórias e detém a memória dos detalhes que não são contados pela narrativa oficial se constitui como um caminho possível para construções coletivas, comprometidas com a luta antimanicomial e uma abordagem mais ética diante de todo esse repertório.

Considerando a enorme responsabilidade de desenvolver, em nosso primeiro ano de curadoria, programações e programas expositivos que reflitam sobre os 100 anos da Colônia, destacamos a contribuição inestimável do Ateliê Gaia na concepção dos processos de pesquisa presentes nesse percurso. Tal fato decorre de uma minuciosa observação dos processos artísticos e do acompanhamento da equipe curatorial e da equipe de educação e arte, que resulta em diálogos que orientam modos de ver as poéticas que registram a história do Ateliê e, de alguma maneira, do próprio museu.

Nesse sentido, a reivindicação de Arlindo Oliveira do protagonismo das narrativas daqueles que passaram muitos anos de suas vidas e que aqui permaneceram mesmo em meio a troca de gestões da instituição, evidenciou-nos a importância de privilegiar essas perspectivas em nossos eventos. Afinal, como o mesmo diz, são 100 anos de Colônia e ele viveu aqui por 55 anos, então são 155 anos de memórias acumuladas sobre esse espaço. Da mesma forma, Luiz Carlos Marques nos apresenta muitas reflexões sobre o tempo através de suas obras, evidenciando que a história da luta antimanicomial não se finda com a desinstitucionalização, que precisamos “tricotar” continuamente nossas estratégias pela

garantia da liberdade. É responsável, também, por levantar discursos sobre a desestigmatização de suas produções artísticas, estimulando-nos a pensar estratégias para a projeção da circulação de seus trabalhos no sistema da arte.

Através do compartilhamento de suas memórias, de sua crítica afiada, de suas frases inspiradoras, Patricia Ruth nos traz valiosas análises do contexto manicomial e das diferentes formas de subversão desse cenário, elaborando em suas propostas artísticas e nas ações cotidianas, pensamentos sobre o habitar e o pertencer. Sua grande companheira de ateliê, Jane Almendra, desafia-nos à expansão das práticas artísticas e a uma relação profunda com as materialidades escultóricas, além de trazer uma visão complexa e contestadora do cotidiano da Colônia contemporânea.

Gilmar Ferreira, com todos os seus anos de experiência nesta instituição, faz-nos questionar e refletir profundamente sobre os cuidados e a ética nos procedimentos institucionais em relação à produção dos artistas, sempre atento às movimentações e às narrativas desenvolvidas a partir de suas obras. Da mesma forma, subverte o que se espera da prática de um mercado de arte, com uma produção intensa ofertada de forma generosa às pessoas que o cercam. Já Ivanildo Ferreira, mostra-nos o quanto cada movimento cotidiano é passível de registro e reflexão, construindo intensos relatos e preservando os detalhes da memória mais significativa desse espaço, aquela que se constrói nas relações. As escritas desses artistas nos fazem mergulhar nas profundas dimensões do trabalho que construímos nos acompanhamentos curatoriais.

A escritora, poeta, palestrante, militante da luta antimanicomial e da luta antirracista Rogéria Barbosa nos propõe observar profundamente como se deram as relações de gênero nesse espaço, fomentando pesquisas que investiram nas vivências das mulheres. Suas obras apresentam uma nova mirada, com a reivindicação do direito à intensidade, à pulsão de vida e à liberdade de expressão. Victor Alexandre, com seu olhar dedicado e respeitoso à história e à trajetória das mulheres, também experimenta diferentes técnicas para retratá-las com a dignidade que foi negada pela história desse espaço. Dessa forma, ambos nos estimulam a pensar em quais imagens podemos elencar para tratar dessa perspectiva da memória do território.

Com suas longas conversas e suas obras que se encenam na Colônia, Leonardo Lobão nos apresenta as transformações ocorridas neste lugar, e, em cada detalhe, como a possibilidade de ter objetos para si ou de ter um estilo próprio com sua vestimenta, os conviventes desse espaço podem construir relações de pertencimento e afirmar sua identidade perante o mundo. E, é construindo mundos, inventariando espécies, criando texturas diversas e outras dinâmicas de existência, que Felipe Ranieri apresenta as possibilidades de fabular, de integrar o imaginário e as emoções à dimensão crítica da realidade.

Ao cobrir objetos de concreto, Clovis Aparecido garante sua permanência no tempo e no espaço, mas a dureza do material não impede a existência de camadas mais subjetivas, expressas pela profusão cromática presente em sua obra. Afirma, assim, que mesmo em meio ao rigor do compromisso a preservação da memória, sempre há uma dimensão

do sensível presente em seu compartilhamento. Já Pedro Motta, um trabalhador dinâmico e ativo, utiliza diferentes formas e cores para nos apresentar novas possibilidades de encarar o cotidiano, criando composições que reivindicam a presença da prosperidade e da felicidade em tudo!

Sebastião Swayzzer nos desafia cotidianamente e aponta que nem sempre o caminho almejado é aquele enaltecido pelo sistema da arte. Valorizando a profissionalização, os métodos e os procedimentos, em seu discurso afirma não ser um artista, mas um técnico em artes, e demanda um rigor do qual a arte contemporânea tende a se esquivar. E, por fim, temos André Bastos (*in memoriam*), que não tivemos a honra de conhecer pessoalmente, mas que nos nutre com sua forma brilhante de articular conteúdos e partilhar memórias nas mediações em vídeo da exposição Arte Ponto Vital.

Muito se fala do quanto a obra de Bispo do Rosario pode servir como impulsionadora da carreira dos artistas que compõem o Ateliê Gaia, por sua projeção no sistema de arte em nível internacional. No entanto, há um movimento igualmente importante sendo potencializado pela presença ativa desse coletivo na instituição: a forma como as narrativas sobre a obra de Bispo são enriquecidas pela produção do Ateliê Gaia, nas dimensões conceituais, estéticas, poéticas e nas abordagens históricas. Durante o acompanhamento curatorial, os artistas do Ateliê fomentaram e qualificaram a pesquisa da primeira exposição individual de Arthur Bispo do Rosario, elaborada por nossa equipe, “Um muro no fundo da minha casa”, com provocações sobre território, patrimônio e pertencimento.

Ter o Ateliê Gaia como um dos principais orientadores dos projetos do Museu Bispo do Rosario nos define, de fato, como um museu expandido e comprometido com sua comunidade, que valoriza a experimentação e prioriza a escuta acima de qualquer exigência do campo artístico. É na relação cotidiana com o coletivo e seu espaço de trabalho que nossa atuação se qualifica e se torna verdadeiramente revolucionária.

O catálogo apresenta um panorama da produção de artistas extremamente relevantes para o cenário artístico e cultural, com sua produção de obras inspiradoras, comprometidas com a pesquisa, com as experiências e com as lutas históricas que atravessam o território da Colônia Juliano Moreira, tensionando muitas das questões que afligem o nosso território em nível nacional, de modo que não se trata de uma produção somente sobre o passado, mas uma leitura crítica sobre o presente e projeções para novos futuros.



O DESPERTAR DO GAIA EM NÓS MESMOS¹

DIANA KOLKER

20

O ano de 2024 marca o centenário da Colônia Juliano Moreira (CJM), o que nos convida a pensar sobre o processo de transformação dessa instituição em suas relações com as políticas de saúde mental e afirmar suas direções na contemporaneidade. Localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, em terras que sediaram a Colônia de Psicopatas Homens de Jacarepaguá, sua política assistencial atravessou muitas transformações, ao longo do século XX e XXI. Três anos após a morte do seu principal idealizador, o médico Juliano Moreira, em 1933, a Colônia assumiu seu nome, porém progressivamente se distanciou do projeto original, cujo tratamento fundamentava-se no afastamento do espaço urbano e no trabalho – a praxiterapia. A CJM passou a ser destino dos pacientes ditos incuráveis, conhecida como *fim de linha, cidade dos horrores, depósito de gente*. Um lugar de isolamento, exclusão e graves violações, chegando a confinar cerca de 5 mil pessoas, no período da ditadura civil-militar.

¹ O título do presente ensaio faz referência ao depoimento da artista Rogéria Barbosa, em dezembro de 2023, às vésperas da reabertura do Ateliê Gaia.

No final da década de 1970, ganhou força o movimento nacional pelo fim dos manicômios. Denúncias sobre os maus tratos cometidos na CJM ganharam difusão nacional. Em uma reportagem, produzida em 1980, por Samuel Wainer Filho para o programa Fantástico, da TV Globo, Arthur Bispo do Rosario foi entrevistado enquanto produzia uma de suas peças. A sua aparição atraiu pessoas do campo da arte para CJM, como o crítico e curador Frederico Moraes, e produziu impactos de imensa magnitude na própria colônia, no campo da saúde mental e no campo da arte. Efeitos que se entrelaçam à história do Ateliê Gaia. Conforme o pesquisador João Henrique Queiroz Araujo (2016), a grande repercussão pública da reportagem mobilizou a reestruturação da CJM e trouxe à direção o psiquiatra Heimar Saldanha Camarinha, que criou diversos programas, projetos e serviços com objetivo de combater a violência institucional e humanizar a assistência. Dentre elas, destaca-se a criação do Museu Nise da Silveira, em 1982, que tinha como objetivos guardar as produções artísticas dos antigos internos participantes das oficinas de pintura e a realização de projetos e oficinas artísticas junto aos pacientes – ainda que em pequena escala e convivendo com a privação de liberdade e continuidade do modelo manicomial.

Meses antes do falecimento de Arthur Bispo do Rosario, em julho de 1989, foi criada a Associação de Amigos dos Artistas da Colônia Juliano Moreira (AAACJM), cujo objetivo primeiro seria conservar a obra de Bispo, ampliando sua missão para os demais artistas institucionalizados. Assim, Bispo abriu os caminhos e a AAACJM financiou oficinas de artes para pacientes da CJM, tendo à frente do projeto a psicóloga Denise Correa, então diretora do Museu

21

Nise da Silveira. Tais oficinas foram monitoradas por artistas pacientes da instituição, que posteriormente passaram a ser remunerados com uma bolsa: Gilmar Ferreira, Leonardo Lobão e Patricia Ruth – integrantes do Ateliê Gaia até hoje. Entre 1995 e 2003, movimentos institucionais, mudanças de gestão, esvaziamento da AAACJM, produziram descontinuidades e alterações dos rumos dessas oficinas, que a partir de 1998 passaram a contar com a coordenação da terapeuta ocupacional Rita Bittencourt. Em 2000, a CJM foi municipalizada e passou a se chamar Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (IMAS JM). O Museu Nise da Silveira passou a se chamar Museu Bispo do Rosario. Rita Bittencourt solicitou a separação do museu e fundou, em 2003, o Ateliê Terapêutico Ocupacional Gaia, dirigindo-o até sua aposentadoria, em 2012². O ato de nomear o projeto inaugurou uma nova força, produziu contornos e ofereceu condições para produção de vínculo e de pertencimento. Nas palavras da artista Patricia Ruth:

Eu comecei em 1993, com a antiga diretora Denise Correia, mas o ateliê ganhou esse nome com a coordenação da Rita Bittencourt. O Gaia pra mim é tudo, me deixou transformada, realizou muitas coisas minhas. Ser como eu sou, o jeito como eu sou, a minha reputação... O significativo do Gaia é muito forte. Eu tenho amor ao Gaia. Tenho amor aos terapeutas que me estimularam a entrar. Já estou com 70 anos e eu trabalho, faço tudo o que eu posso. Me representa muito, me dá muita força. Fiz várias exposições. Minha primeira exposição foi no Museu Nacional de Belas Artes. O Gaia pra mim é mágico.³

Com a Reforma Psiquiátrica, nos anos 2000, teve início um longo processo de desinstitucionalização e de políticas de substituição

² De 2012 a 2013, o Ateliê Terapêutico Gaia ficou sob coordenação de Fernanda Fernandes.

³ Depoimento concedido em dezembro de 2023.

do manicômio pelo tratamento em liberdade. Contudo, apenas em outubro de 2022, os últimos internos da CJM receberam alta, podendo seguir o tratamento de forma integrada à sociedade⁴. O último núcleo a ser fechado foi o Franco da Rocha, local onde Patricia Ruth foi internada. E foi ela, junto com sua amiga e contemporânea, Dirce, que fechou definitivamente as suas portas, num ato simbólico e muito emocionante⁵.

Em razão dessa efeméride dos cem anos, a cada mês, o Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (IMAS JM), ao qual o Museu Bispo do Rosario é vinculado, realizou uma ação pública. É importante ressaltar, todavia, que o que celebramos é a superação do manicômio. Portanto, é notório e não por acaso, que a ação a inaugurar esse calendário tenha sido a reabertura do Ateliê Gaia, no Edifício Heitor Perez, sede compartilhada pelo IMAS JM e seu museu, voltando ao local de suas origens, após ter ocupado diversos espaços no território. Da mesma forma, o lançamento desta publicação, como uma das ações que encerram o ano, anuncia – numa dimensão simbólica e concreta – os caminhos que a instituição trilha no presente. Nas palavras de Luciana Cerqueira, diretora do IMAS JM, em janeiro de 2024:

Trata-se da ressignificação deste território que há cem anos promoveu tantas violências e segregação para um lugar onde artistas se consagram em vida e nos provam a capacidade de reinvenção e sobrevivência subjetiva, demonstrando toda a força e toda cor que a vida dessas pessoas tem⁶.

O Ateliê Gaia retorna a esse espaço transformado pelo seu longo percurso, pavimentado por muitas e

⁴ Na época, a diretora responsável pelo Núcleo Franco da Rocha era Rosângela Nery, atual vice – diretora do IMAS JM

⁵ Hoje, o espaço abriga o Centro de Convivência e Cultura Pedra Branca e a Pousada Sertão Carioca, ambos vinculados ao IMAS JM.

⁶ Depoimento concedido em dezembro de 2023.

muitos agentes que participaram desse caminho – principalmente os e as artistas integrantes. Desde 2017, eu caminho junto e buscarei, através deste ensaio, desenhar uma breve cartografia dessa história, com maior foco no período de 2013 ao presente.

Um ateliê de artistas

A partir de 2013, com uma nova gestão à frente do Museu Bispo do Rosario, contando com a médica Raquel Fernandes em sua direção, a instituição responsável pela guarda, conservação e difusão da obra de Arthur Bispo do Rosario e de outros artistas que foram institucionalizados, ampliou o seu espectro de atuação social na Colônia, lançando-se ao desafio de atuar como dispositivo cultural vivo e integrado à comunidade e ao seu território. Assim, a instituição desenvolveu o conceito de museu expandido, compreendendo que a sua atuação se faz para além dos muros, através de ações públicas educativas e artísticas, da convivência, da economia solidária e da agroecologia, como práticas geradoras de saúde. Já no primeiro ano dessa gestão, o Ateliê Gaia foi reincorporado ao Museu Bispo do Rosario e uma nova mudança de projeto se anunciou:

Passei então a me reunir semanalmente com o grupo de artistas para pensar na organização do trabalho. Nas conversas fui percebendo que eles não tinham muita autonomia, que o funcionamento do ateliê estava muito centrado na figura do profissional de saúde que fazia mediação do trabalho. Sugeri então que eles passassem a assumir a gestão do espaço e que, ao invés de um profissional de saúde, colocássemos um produtor para acompanhar o Gaia – de forma a facilitar o agenciamento da carreira deles como artistas (FERNANDES, 2023, p.131).

Outra grande transformação foi a supressão da palavra “terapêutico” no nome do Ateliê Gaia. Segundo Fernandes, a proposta despertou um temor nos artistas: “eu percebi que eles tinham muito medo da autonomia. Foram colocados por tanto tempo no lugar de pacientes, que era difícil para eles pensar que aquele espaço era deles e que eles poderiam decidir como fazê-lo funcionar.” Se fazia necessário um processo de formação, mas não me refiro à uma pedagogia disciplinar e tradicional. Não se tratava de inserir um profissional que ocupasse uma posição “professoral” de transmissão de conteúdos, técnicas ou transferência de conhecimentos, mas de – como nos ensinou Paulo Freire, em sua Pedagogia da Autonomia – “criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Quando eu assumi a coordenação de educação do Museu, em 2017, a instituição passava por uma reformulação, com vistas à sua estruturação enquanto um equipamento de arte vinculado à saúde, tendo a educação como base fundamental para a construção de um projeto político territorializado. Assim, dediquei-me junto à direção a construção desse projeto político institucional, incluindo o Ateliê Gaia como uma de suas prioridades. O Gaia funcionava no antigo Polo Experimental de Convivência, Educação e Cultura, que se transformou em um dos eixos estruturantes do Museu, coordenado por mim e pela psicóloga Margarete Araújo, responsável pela integração psicossocial e pelos programas de geração de renda.

O Ateliê era um espaço grande, subdividido em áreas ocupadas pelos artistas. Materiais, cavaletes velhos e objetos de naturezas diversas se misturavam

26

às obras, de vários tipos, linguagens e dimensões, dispostas pelos próprios integrantes no espaço, conforme seus critérios organizacionais. Até o teto. Na área central, uma grande mesa com cadeiras capengas era o espaço das nossas reuniões semanais. Eu estava apenas chegando naquele território tão denso, complexo, precário, sensível e muito vivo. Precisava escutar aqueles artistas, sem jamais me distrair do fato de que o fazia desde o meu corpo e das vivências de uma mulher branca, com trinta e poucos anos e um vocabulário um tanto contaminado pela academia. Era premissa fundamental escutar respeitosamente, cartografar desejos, receios, conflitos, fragilidades, potenciais, reivindicações e histórias, para então traçar coletivamente um plano comum. Não havia a menor possibilidade de construir uma direção de trabalho, que não contasse com a participação ativa daqueles sujeitos diretamente envolvidos. Eles e elas são os protagonistas, eu estava (estou) ali para apoiá-los no processo de se expandirem na direção deles mesmos.

Naquela época, o Gaia era frequentado por Arlindo Oliveira, Clovis Aparecido, Leonardo Lobão, Patricia Ruth, Pedro Mota, Luiz Carlos Marques, Victor Alexandre e Sebastião Swayzzer. Gilmar Ferreira, o primeiro integrante, estava afastado por questões familiares, mas alguns de seus trabalhos continuavam no espaço. Percebi que contávamos com um conjunto de artistas, mas ainda não parecia constituído um sentido de grupo. Então, lançou-se uma pista, um ponto de atenção sobre um caminho de trabalho: mediar a consolidação desse sentido de grupalidade. Tomo emprestada as palavras de Regina Benevides de Barros, para apresentar as linhas que me levaram à essa análise:

pensar “o grupo” nos aparece como uma possibilidade de colocar em questão a problemática da economia do desejo, dos processos de subjetivação e, quem sabe, chamar à atenção para a urgência de se criar novos laços de solidariedade, de alianças, de cidadania (...) Não basta, entretanto, falar de grupo para que estejam dadas as condições de problematizar os processos de subjetivação em andamento. Haveremos que avançar para além das dicotomias: indivíduo/grupo, grupo/sociedade, para que possamos fazer bifurcar novos modos de existência que coloquem em questão à unidade e à totalidade todo o tempo oferecidas como apanágios universais” (Barros, R.D. Benevides, 1994, p.145).

Pensar o grupo, portanto, envolve um exercício crítico, político, coletivo e cartográfico, de se perceber num tempo e num espaço, desenhar suas linhas de força, seus pontos de conflito, de dissenso, de diferenciação, de tensão, suas tramas de relações entre si e no/com o mundo, criando conjuntamente nossos modos de operação, nossas premissas, nossas direções. Um processo tão ético quanto estético de construção intensiva e permanente, que não se encerra nem essencializa, que acontece na vida, no tempo, no espaço, no cotidiano, nas contingências.

Os integrantes possuíam a chave do Ateliê, podendo acessá-lo na hora que desejassem, algo que já me pareceu notável para a aposta de produzir autonomia e pertencimento. Porém, também muito desafiador, afinal, tratava-se de uma instituição pública. Fui chegando devagar, mas demorou poucos meses para que fosse acolhida como parte. Patricia me deu um apelido. A gente só é verdadeiramente integrado ao museu depois de ser batizado por Patricia. Seu Arlindo, um dos veteranos do Gaia, internado na Colônia com apenas 14 anos, ficou meu amigo somente depois de conhecer meu filho Vicente, que na época tinha apenas 3 anos e o

27

chamava de vovô Arlindo. Vicente se colocava ao seu lado nas exposições para impedir que outras crianças tocassem na obra do amigo. Desde então, todos os dias Arlindo me pergunta: “cadê o garoto?”, e complementa “ele é demais”. Foi também Arlindo que me ensinou que o coração bate setenta minutos por segundo. Só quem vive os efeitos de uma experiência daquelas que muda tudo, que altera nosso campo de possíveis, nossa sensibilidade, sabe que o tempo do acontecimento – esse que só pode ser do coração – é assim mesmo... setenta minutos por segundo.

As reuniões por vezes eram caóticas, mas Leonardo Lobão sempre se dedicava a produzir uma ata, narrando tudo o que foi debatido. Agora quem assume essa função é Ivanildo Ferreira, muito dado à escrita. Uma das questões primeiras que me apresentaram referia-se ao incômodo com relação aos estigmas e aos estereótipos a eles atribuídos por serem usuários dos serviços de saúde mental e o desejo de circularem nos espaços de arte, sendo respeitados e reconhecidos enquanto artistas que são. Lobão, mostrou-me algumas matérias de jornais em que ele fora apresentado como “artista do inconsciente” Quando o perguntei se ele se identificava com essa apresentação, prontamente respondeu: “não, eu tenho minhas loucuras, mas na minha arte estou consciente.” Entendi que ele indicava algo sobre seu processo ativo de pesquisa técnica e poética, mas principalmente que apontava uma dimensão importante para eles: a arte enquanto trabalho. E isso não era pouco, sobretudo para aqueles que viveram a violência do manicômio. A arte enquanto trabalho não representava apenas a possibilidade de uma fonte de renda, mas também a construção de um lugar social diferente daquele

a que foram reduzidos compulsoriamente com a institucionalização psiquiátrica. Uma direção divergente do que comumente se espera de um ateliê de artistas num contexto como esse. O desejo deles, portanto, afastava-se da ideia de um ateliê terapêutico. Suas produções não estavam destinadas à uma análise clínica dos seus estados psíquicos. Tampouco a um processo de musealização. As obras produzidas pelos artistas, à eles pertenciam, podendo dar à elas o destino que quisessem: guardar, expor, vender, presentear... Ao museu caberia oferecer um espaço favorável a esses processos e assessorá-los. Dando um salto no tempo, para 2024, vemos que tal questão se expressa intensamente nas palavras de Luiz Carlos Marques. Percebe-se, ainda, em seu depoimento, que o sentido de coletividade se consolidou tanto quanto o seu espaço desejante singular:

O Ateliê Gaia é o lugar que eu quero desenvolver arte. Eu quero aprender mais sobre arte lá. Eu quero trabalhar junto com o coletivo e desenvolver cada vez mais o meu trabalho. Eu quero que ele seja exposto em muitos lugares e visto no mundo. Quero vender minha arte, que é o meu trabalho. Espero que em 2024 a gente tenha muito respeito e muita compreensão um com o outro. Que a gente possa trabalhar junto, desenvolver. Que a gente tenha primeiramente saúde para poder conquistar mais coisas, como um coletivo, passo a *passamente*.

Em 2017, estava em cartaz no museu a exposição *Sobrevivências: Sobre Vivências*, organizada pelo então curador, Ricardo Resende – a mostra apresentava a produção dos artistas integrantes do Ateliê Gaia. O Museu, que realizava anualmente exposições temáticas da obra de Arthur Bispo do Rosario, em relação à produção contemporânea, passou a incluir também o Ateliê Gaia e a agenciar

sua circulação em outras instituições e espaços de arte. Pedi aos artistas que me apresentassem suas obras na exposição e assim fui conhecendo um pouco mais de cada um. Era fundamental que pudessem se auto representar, falarem por si, em primeira pessoa do singular e do plural! Eles repetiram a experiência oferecendo uma mediação para os visitantes do projeto Arte e Cuidado, organizado por Jessica Gogan e Izabela Pucu. Foi no contexto desse projeto, que Arlindo expressou pela primeira vez o desejo de realizar uma performance na cela do pavilhão 10, do Ulisses Viana, onde ele e Arthur Bispo do Rosario foram internos. Tal experiência foi um marco na trajetória de Arlindo e um grande analisador sobre as potências da arte no encontro com a clínica. Em sua performance, Arlindo encarnou Bispo, ele mesmo e a própria instituição. Circulou naquele espaço que o encarcerou compulsoriamente e nos conduziu para seu interior. Ele nos fez ver, ouvir e sentir por um tempo incalculável, algumas das cenas de terror que sofreu. Nos converteu em testemunhas e conseguiu, por meio da performance, produzir forma e linguagem para um trauma que não tinha lugar. Sendo ele o corpo ativador dessa ação, ocupava então um lugar diferente daquele que sofreu enquanto vítima da violência. Ali ele era agente e protagonista, nós coadjuvantes e testemunhas. Jessica Gogan e Denise Adams, que acompanharam essa experiência, nomearam esse processo que vivemos junto ao Arlindo de curadoria do avesso. Em suas palavras:

a performance de Arlindo e sua curadoria ao avesso oferecem uma lente sobre o potencial das práticas de cuidado em contextos institucionais, uma arte que extrapola a clínica, uma clínica que extrapola a arte,

demonstrando as possibilidades criativas de um gesto(ão) coadjuvante, radical e afetivo.

Paralelamente ao Ateliê Gaia, desenvolvemos o programa Casa B. Este programa de residências recebe artistas, educadores e curadores, para o desenvolvimento de projetos de pesquisa e de ações através do contato com a comunidade, em especial com os artistas do Ateliê Gaia, com o território e com a pesquisa do acervo de Bispo do Rosario. Ao longo desses anos, recebemos projetos diversos, com tempos e desdobramentos variados, que produziram efeitos muito potencializadores na produção dos artistas do Gaia e dos residentes. Uma aposta na força dos bons encontros e no zelo pela construção de relações que se estabeleçam numa chave de respeito, ética, colaboração e não da costumeira prática colonialista de apropriação e expropriação de um certo capital exótico e estigmatizante. Assim contamos com a colaboração de muitos artistas, como Marcio Cunha, Jessica Barbosa, Pedro Sá Morais, Pola Fernandes, Gustavo de Carvalho, Jaqueline Gimenez, Fernanda Magalhães, Daniel Murgel, Gustavo Spiridião, Val Souza, Vanessa Alves, Natasha Felix, Annaline Curado, Rafael Bastos, Rick Rodrigues, Rodrigo Mogis, Fabio Carvalho, Ercília Stanciany, Morenna, Ayra Aziza, Veridiana Zurita, entre outros. Além de artistas e curadoras, como Livia Flores, Tania Rivera, Jessica Gogan, Izabela Pucu, Guilherme Vergara, Keyna Eleison, Marcelo Campos, Eleonora Fabião, Cadu e André Côrtes e de projetos importantes como Surto Criativo e a marca de roupas Psicotrópica, que realizam diversas colaborações com o Gaia.

Em 2021, o museu estava prestes a produzir uma nova exposição de caráter permanente, Arte Ponto Vital, com o intuito de contar a história da Colônia, através das experiências artísticas ocorridas em sua história. Convidamos os artistas do Ateliê Gaia para compor a curadoria, que em um primeiro momento manifestaram receio em ocupar esse lugar. Propomos então, um Laboratório Experimental de Curadoria, que conduzimos de forma simultânea ao processo curatorial. Neste ano já contávamos com a participação de novos integrantes no Gaia, como André Bastos⁷, que assumiu um papel fundamental nesse projeto – enquanto curador, artista e mediador da exposição – e Rogéria Barbosa, nova integrante do Ateliê, que além de artista, poeta e escritora é uma grande militante da luta antimanicomial, com um olhar tão sensível quanto crítico. As e os artistas foram assumindo cada vez mais lugares nos processos institucionais, sendo também autores das narrativas e construindo junto com o corpo de trabalhadores da instituição a direção do trabalho.

Encontro entre arte, educação e cuidado

Em 2023, o IMAS JM passou a contar com uma nova gestão, tendo à frente da direção a psicóloga Luciana Cerqueira e Rosangela Nery, na vice-direção. Ambas participaram ativamente do processo de encerramento do manicômio e atuam na construção de uma nova institucionalidade. O Museu Bispo do

⁷André Bastos integrou o Ateliê Gaia entre 2017 e 2021, ano de seu falecimento.

Rosario passou a contar com a direção de Alexandre Trino e nova equipe curatorial, composta pela curadora geral Carolina Rodrigues e as curadoras adjuntas Napê Rocha, Geovana Mello e Gabriel Reis. A gestão reafirma a responsabilidade da instituição pela guarda, conservação e difusão da obra de Bispo e dos artistas que foram institucionalizados e seu papel enquanto museu do território, nesse caráter expandido, comprometido com a educação, com as políticas de memória e com os programas de integração *psicossocioambiental*. Sobre o Ateliê Gaia, Trino afirma:

A reinauguração do Ateliê e a publicação deste catálogo também estão associadas a um novo ciclo do Ateliê Gaia, que procura fomentar a oportunidade dos artistas vivos se projetarem ainda mais, para além do museu e verem sua arte valorizada em vida⁸.

Atualmente, o Ateliê Gaia se apresenta como um programa realizado pelo Museu Bispo do Rosario, que conta com um coletivo de artistas, integrado por Arlindo Oliveira, Clovis Aparecido dos Santos, Ranieri, Ivanildo Ferreira, Jane Almendra, Leonardo Lobão, Luiz Carlos Marques, Gilmar Ferreira, Patricia Ruth, Pedro Mota, Rogéria Barbosa, Victor Alexandre Rodrigues e Sebastião Swayzzer. Oferece ainda um dia aberto à participação de pessoas interessadas nos processos artísticos, em especial artistas de outros contextos, usuários dos serviços de saúde e moradores do território. Contam com a minha colaboração, enquanto responsável pela coordenação de educação e arte do museu e assistência artística de Juliana Trajano. A curadoria participa ativamente, incluindo os artistas do Gaia nos projetos institucionais

⁸Depoimento concedido em dezembro de 2023.

e oferecendo suporte e assessoria nas relações extrainstitucionais. Um cuidado que não tutela. O programa vem crescendo e mobilizando todos os setores do museu: comunicação, museologia, financeiro, administração, geração de renda, projetos, produção e centro de cultura e convivência. Eles nos desafiam a pensar e a criar os caminhos e os fluxos para apoiá-los. Um processo nada fácil. Nada está dado. E as melhores pistas para construção desses métodos são a presença e a escuta dos nossos artistas.

O novo Ateliê Gaia foi inaugurado no dia 6 de janeiro de 2024, projetado pela arquiteta Gisele de Paula e equipe, conta com amplo espaço de criação e uma galeria expositiva, que pode ser acessada pelo público, mediante agendamento. No mês que antecedeu sua inauguração, Rogéria Barbosa, uma das artistas do grupo, afirmou que em sua percepção o grande desafio seria a construção da relação de coletividade, mas apostava no impacto do ambiente para o despertar do pertencimento e das forças de criação:

É o respeito ao espaço do outro, ao querer do outro. Respeitar o limite do outro também. Aceitar a fragilidade diante do espaço coletivo. Vamos ter as nossas desavenças, mas nós vamos conseguir se unir, porque somos artistas do Ateliê Gaia. Essa abertura pra mim vai ser o despertar do Ateliê Gaia em nós mesmos. Vai ser o despertar de nós artistas dentro de nós mesmos⁹.

O projeto educativo e artístico constituído junto ao Gaia tem como objetivos oferecer um espaço favorável à criação, à prática experimental,

à colaboração com artistas de outros contextos, à formação continuada, à inserção no circuito da arte, ao cuidado de si e à construção de um sentido de grupalidade, estimulando a autonomia e a participação coletiva na condução do projeto. Não é mais um ateliê terapêutico, mas não deixa de ser um espaço de cuidado. É o encontro entre arte, educação e saúde, num campo expandido. Na medida que os artistas produzem seus trabalhos eles também criam a si mesmos. Diz respeito à ampliação das possibilidades de atuação no mundo, rompendo estigmas e afirmando suas vidas.

REFERÊNCIAS:

Barros, R.D. Benevides. **Grupo: A afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

ADAMS, Denise, GOGAN, Jessica. **Cardumes, auras e bainhas: Trêsformance de Arlindo Oliveira**. Revista de Artes Visuais. Porto Arte. v.25 n.44, Jul/dez 2020 e-ISSN: 2179-8001

ARAUJO, João Henrique Queiroz. **Entre preservar e reformar: práticas e saberes psis no museu da Colônia Juliano Moreira**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2016.

FERNANDES, Maria Raquel Pardo Lucas. **Do asilo ao Território de afetos: Des(a)fições para um devir-museu na antiga Colônia Juliano Moreira**. Dissertação (mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes) – Instituto de Arte e Comunicação Social, UFF, Niterói, 2023, p.131.

⁹ Depoimento concedido por Rogéria Barbosa à mim em dezembro de 2023.



ATELIÊ GAIA E O SONHO DE ARTISTA

JULIANA TRAJANO

38

Durante nossa reunião semanal, a querida artista Patricia Ruth lançou-me um desafio: “Marruá, que veio do mato, precisa escrever um texto para o nosso catálogo”. E, assim fui convocada. Em 2022, meu primeiro ano no museu, Pati, como carinhosamente a chamo, me nomeou “Marruá”. Um apelido bem apropriado. Embora os artistas não saibam, por eles, se necessário, sou feroz. Afinal, como trabalhar com projetos socioculturais sem uma dose de intrepidez, ferocidade e persistência? Caso contrário, corremos o risco de sermos devorados pelo sistema. Estar nesse meio, significa lidar com pessoas e com os seus sonhos. Tarefa extremamente delicada e de grande responsabilidade.

Meu primeiro contato com o Gaia aconteceu durante a entrevista para um cargo no setor de comunicação do Museu Bispo do Rosario. Eu ouvira falar de Arthur Bispo do Rosario e do museu apenas uma vez na Escola de Belas Artes da UFRJ, quando era graduanda. Porém, ao conhecer o acervo com

as obras de Bispo e os projetos do museu, fiquei surpresa com a pouca visibilidade que ele tinha, especialmente no circuito artístico e acadêmico. Pois o que há aqui é de uma singularidade e importância sem igual. Cheguei recém-formada em Licenciatura em Artes Visuais e me deparei com uma dinâmica de trabalho muito diferente dos museus que conhecia. A começar pelos cachorros vira-latas caramelos, nosso patrimônio cultural, que descansavam tranquilamente em frente à entrada, sem qualquer restrição. Eu estava num lugar diferente.

Ao ouvir as propostas da instituição, soube imediatamente que precisava estar aqui, independentemente de como isso fosse acontecer. Durante a entrevista com as coordenadoras Diana Kolker e Claudia Revoredo, que foram bastante generosas durante toda minha trajetória profissional, falávamos com entusiasmo sobre o museu. De repente, entrou na sala a psicodélica e irreverente Patricia Ruth. Embora eu não a conhecesse ainda, fiquei intrigada com sua confiança e a maneira gentil com que fui recebida. Era evidente que a dinâmica deste lugar incentivava essa liberdade, sem as formalidades e intimidações comuns de outras instituições culturais. Pati pegou algumas telas, brincou conosco e saiu.

Ao deixar a entrevista, encontrei-a novamente no corredor. Ela me perguntou se eu iria trabalhar no museu. Respondi com um “espero que sim” e ela, com sua confiança de sempre, disse: “Vai dar tudo certo”. E, de fato, deu. Hoje, vejo aquele momento como uma bênção do Gaia, simbolizada por Patricia Ruth, marcando minha chegada no Museu Bispo do Rosario. Gosto de pensar que esse foi o meu primeiro encontro com o Gaia.

39

Em julho de 2023, quando assumi o cargo de assistente artística do Ateliê Gaia, sob a coordenação de Diana Kolker, eu sabia que estava exatamente onde precisava estar. Era esse o tipo de projeto com o qual eu sonhava em trabalhar, não apenas naquele ano, mas na vida. Por isso, sinto-me privilegiada por trabalhar com e para os artistas do Gaia. Diante de mim, há um grupo de 13 pessoas que, ao longo de suas vidas, enfrentaram a lógica manicomial, ou até mesmo o próprio manicômio, e resistiram com coragem e arte. Contudo, o trabalho no Gaia vai além dessa trajetória. É sobre construir algo novo e inspirador por meio do fazer artístico, do cuidado e do fortalecimento desse coletivo.

40

Hoje, o Ateliê Gaia não é mais um espaço de arteterapia. É um verdadeiro ateliê de artes, onde 13 artistas incríveis, atuantes e extremamente comprometidos com suas criações, buscam reconhecimento no circuito contemporâneo de artes. O sonho deles é o sonho de qualquer artista: ganhar visibilidade e estabilidade financeira, permitindo-lhes continuar produzindo sem grandes preocupações. E, no caso do Gaia, sem o estigma da loucura.

Meu papel, como assistente artística, é atuar como uma facilitadora desse sonho por reconhecimento, promovendo o crescimento profissional desses artistas. Auxílio na construção do futuro que eles almejam com suas produções, sempre respeitando o desejo do presente e não esquecendo do passado.

Comprometida com a profissionalização dos artistas, uma equipe multidisciplinar realiza um trabalho crucial, viabilizando a circulação de suas

obras no mercado de arte e oferecendo suporte para inscrições em editais de fomento artístico. Estabelecemos parcerias estratégicas com outros espaços culturais e nos dedicamos à manutenção do Ateliê de Artes e da Galeria do Gaia, inaugurados em janeiro de 2024. Nosso compromisso inclui acompanhamento curatorial e das demandas dos artistas, tratamento de obras, apoio na organização dos processos de trabalho, além da construção e atualização de portfólios. Por meio dessas e outras ações, contribuimos na consolidação da trajetória profissional de cada artista do Ateliê Gaia. Todo esse trabalho é viabilizado pelo apoio das Direções, Curadoria e Coordenação de Educação e Arte do Museu Bispo do Rosario. Com autonomia e suporte é possível priorizar os interesses do Gaia, integrando-os aos da instituição. Os artistas determinam suas demandas profissionais e nossa equipe se dedica a atendê-las, pois reconhecemos que a importância deles vai além dos limites institucionais.

41

No dia 6 de janeiro de 2024, após um excelente trabalho de gestão colaborativa, celebramos a inauguração do novo espaço do Ateliê Gaia. Em caráter permanente, o espaço foi criado especialmente para os artistas, com rotina e dinâmica próprias. Arlindo, geralmente o primeiro a chegar no Ateliê, utiliza o espaço externo para transformar materiais garimpados na rua em arte, principalmente em carrinhos de madeira e rostos. Ele diz que ser visto enquanto cria sua arte é essencial para sua existência. Por isso, prefere que seu espaço de criação seja onde tenha circulação de pessoas. Como ele mesmo diz: “por mim, ficava o dia todo trabalhando com a madeira, pra mostrar ao público quem sou eu, se não mostrar, eu sou o quê?”. Arlindo

também realiza performances cativantes com sua boneca Alcione, envolvendo o espectador com sua interpretação, figurino e dança.

No ateliê, vemos Patricia focada em suas telas que combinam bordado e pintura, dedicando-se, também, às oficinas que acontecem no Ateliê Aberto do Gaia e no Centro de Cultura e Convivência Pedra Branca, do Museu Bispo do Rosario. Pati valoriza o poder transformador da arte, por isso está sempre incentivando de maneira generosa os participantes de suas oficinas. Rogéria, imersa em seu processo criativo, procura refletir sobre o conceito de suas obras, reconhecendo a importância de expandir seu repertório. Alterna pintura e poesia, auxiliando na organização do espaço do ateliê e participando como palestrante e articuladora em eventos externos.

42

Luiz Carlos é artista plástico e percussionista. Ele explora instalações com bambu e lã. Além de suas pinturas florais com cores intensas, tem se dedicado a construir, há cerca de 1 ano, um grande bordado que diz não ter fim. Ele também tem expressado interesse em ensinar percussão e pintura. A artista Jane, nos traz um olhar sensível sobre o cotidiano, através de suas pinturas de flores. Ela ainda nos surpreende com esculturas de pedra-sabão de uma qualidade técnica impressionante. Estamos ansiosos para vê-la esculpindo no ateliê.

Clovis tem organizado um espaço expositivo dentro do ateliê, trazendo de casa suas esculturas em concreto, revelando seu desejo em expô-las ao público do museu. Durante as oficinas de desenho, ele também se concentra na reprodução em papel, das formas de suas esculturas e de seus

famosos carrinhos. Victor, tem feito experimentações com argila, representando o feminino e está constantemente buscando sugestões de seus colegas para aprimorar seu trabalho.

Pedrinho é o nosso artista contemplativo e otimista, suas obras têm o mesmo título “Prosperidade, felicidade em tudo”, título criado num momento de contemplação da natureza e da riqueza que ela oferece. O artista precisa dividir seu tempo como trabalhador da arte com outros compromissos profissionais que o auxiliam na sua subsistência. Por isso, não consegue estar presente no ateliê com frequência, mas compartilha o sonho de poder produzir arte sem grandes preocupações financeiras. Ivanildo, o mais novo integrante, combina escrita, colagens e texto com imagens, divertindo-se com os resultados e acolhendo as dicas de outros artistas.

43

Ranieri também é um integrante recente do Ateliê Gaia. Muito concentrado e dedicado nas pesquisas, trabalha com colagens, desenhos e pinturas. Sempre cuidadoso e minucioso em tudo que envolve sua produção artística, ele tem clareza de onde pode chegar com seu comprometimento em relação à profissionalização de seu trabalho. Lobão é extremamente disciplinado e facilmente reconhecido por seu estilo de pintura figurativa que marcam seu trabalho com pinceladas distintas. Está sempre muito concentrado nas entregas e avaliando sua técnica. Apesar do foco, Lobão também está atento na produção dos artistas mais novos, com generosidade oferece dicas valiosas.

Gilmar, o integrante que iniciou o Ateliê Gaia. Sempre com um sorriso no rosto, chapéu de caubói,

uma blusa do Michael Jackson, seu ídolo, e luvas. Compartilha conosco alguns ensinamentos e por vezes, nos surpreende com uma tentativa de inspirar e motivar a equipe. E sem saber, diz algo que cabe perfeitamente para o momento. Ele não deseja agradecer as pessoas de outra maneira, senão doando desenhos, com carinho. Gilmar diz preferir a técnica de desenho. Uma particularidade sua é que gosta de presentear as pessoas com esses desenhos. Ele não é nem um pouco apegado com suas artes. Tenho pensado nesse ato de presentear do Gilmar, quase como algo performático, mesmo que genuíno.

E Sebastião, embora já não frequente o ateliê, continua a expressar sua paixão pelo mundo das artes e seu desejo de permanecer ativo no circuito artístico, compartilhando suas pinturas em acrílico.

O Ateliê Gaia, agora com um espaço consolidado, continua a ser um lugar de troca e crescimento para artistas de diferentes trajetórias, reforçando a importância da arte em suas vidas. Através do trabalho coletivo e do compromisso com a criação artística, o Ateliê Gaia ganha vida. Uma vida que se expande das trajetórias pessoais dos artistas para as telas, concretos, argilas, madeiras e performances. Pensando na experiência transformadora que tem sido trabalhar com esses artistas, lembro-me das palavras do educador Jorge Larrosa, sobre o “saber da experiência” como aquilo que nos acontece — porque muitas coisas podem se passar todos os dias, sem que nada nos aconteça.

Muitas coisas acontecem durante o dia, durante a vida, mas existem poucos momentos que nos

atravessam de fato, existem poucas experiências que nos acontecem. E o sujeito da experiência é aquele que foi impactado por um acontecimento. Escrevo isso para dizer que o Ateliê Gaia me aconteceu. Assim como o Gaia aconteceu a muitos outros que passaram por este museu. Que privilégio inigualável é servir esses artistas na concretização de seus sonhos.

ATELIÊ
GAIA





GILMAR FERREIRA

(Rio de Janeiro, 1966)

Um dos fundadores do Ateliê Gaia em parceria com Leonardo Lobão, ambos lideraram as primeiras atividades como professores de pintura para usuários dos serviços de saúde mental da Colônia Juliano Moreira. Desde os 7 anos de idade, Gilmar encontrou sua paixão pela pintura, marcando o início de uma jornada artística que perdura há 40 anos. Ao longo de sua carreira, Gilmar expôs suas obras em uma variedade de espaços, compartilhando sua visão única com o mundo. Participou de duas exposições no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), sendo a primeira uma exposição individual, em 1996, e uma coletiva, em 1998.

Atualmente, Gilmar concentra-se na produção de desenhos e pinturas, utilizando principalmente materiais recicláveis e orgânicos que ele mesmo coleta. Sua arte é uma celebração da vida, das relações e da natureza, refletindo sua profunda conexão com o mundo ao seu redor.

No Museu Bispo do Rosario, Gilmar participou de exposições notáveis como *Arte Ponto Vital* (2021) e *Pequenas Cosmogonias: Como brotar mundos?* (2023), agregando sua voz única ao diálogo artístico contemporâneo.

“EU NÃO
PINTO
PORQUE SOU
MALUCO;
EU PINTO
PORQUE SOU
ARTISTA”



GILMAR FERREIRA
O Pássaro azul, 1998
Pintura
100 x 120 cm

52



GILMAR FERREIRA
Máquina do tempo, s/d
Inserção/instalação
184,5 x 76 x 114 cm

53



54



GILMAR FERREIRA

Ontem, hoje e sempre rodando com a gente Bispo do Rosario, 2004

Pintura

220 x 180 cm

55



GILMAR FERREIRA

O que fazem com os negros na cidade grande ?, 2003

Pintura

50 x 60 cm



GILMAR FERREIRA
Folia de nego preto, 2001
Pintura
235 x 130 cm



LEONARDO LOBÃO

(Rio de Janeiro, 1956)

58

Lobão se apaixonou pelo desenho ainda em sua adolescência e, na juventude, nos anos 80, foi surfista e capoeirista, atividades interrompidas pelo ingresso no sistema hospitalar psiquiátrico aos 27 anos de idade. Na década de 1990, passou a frequentar as oficinas artísticas realizadas pelo antigo Museu Nise da Silveira, onde foi monitor na Oficina de Pintura. Um dos primeiros integrantes do Ateliê Gaia, sua estreia no circuito da arte aconteceu no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), em 1997, com uma obra que retrata Arthur Bispo do Rosario. Em 1998, participou de uma coletiva com Gilmar Ferreira e Patricia Ruth. Em 2000, realizou ainda no MNBA a individual *Colônia Juliano Moreira*. Em 2001, realizou uma nova exposição no Museu Nacional de Belas Artes, onde apresentou a série *Mulheres*.

Dono de uma pincelada marcante e expressiva, suas pinturas se conectam às suas memórias e experiências pessoais tanto quanto manifestam dramas sociais. Sua trajetória artística é marcada por participações em diversas mostras, salões e exposições. Em 2007, destacou-se no 13º Salão



dos Novos, promovido pela Galeria Municipal de Arte Victor Kursancew em Joinville, Santa Catarina. Participou, em 2006, da III Mostra do programa Arte sem Barreiras, realizado em Belém do Pará, na exposição *Sensível/Diferença*.

No Museu Bispo do Rosario, suas pinturas têm encontrado um espaço privilegiado para dialogar com o público. Além de seu trabalho como artista, participou da exposição *Arte Ponto Vital*, em 2021, como co-curador. Suas obras integraram as exposições: *Pequenas Cosmogonias: Como brotar mundos?* (2023), *Utopias: A Vida para Todos os Tempos e Gloria* (2019), *Quilombo do Rosario* (2018), *Sobrevivências: Sobre Vivências* (2017), entre outras. O artista participou ainda de exposições em prestigiadas instituições de arte nacionais. Em 2023, integrou a coletiva *Sonoridades de Bispo*, realizada no Museu Oscar Niemeyer (PR). Em 2022, integrou *Bispo do Rosario: Eu vim - Aparição, Impregnação e Impacto*, realizada no Itaú Cultural (SP, 2022). Na Casa França Brasil, participou das exposições *Passagens* (2021) e *Torre de Babel* (2019). Em 2017, participou da exposição *Lugares do Delírio*, realizada no Museu de Arte do Rio, também realizada no SESC Pompeia (SP) no ano seguinte.

60



61

LEONARDO LOBÃO

Retrato de Bispo do Rosario, 1997

Pintura

220 x 160 cm

62



LEONARDO LOBÃO

Cabocla, 2024

Pintura

61,3 x 50 cm

63



Memória.
de onde ela vem?
De que matéria bruta?
Sabe ao obsconfo do
cérebro.
Como as es-
Talaçtites de
uma guitarra...

...E desce à
língua para
litica.

TRECHO da
POESIA de
CARIZO e SUZA

O homem pra ser
GÊNIO.
Tem que antes ter sido
"Julgado Louco".
Pensamento de
FREUD

Grasciocínio,
veio dos casmos.
O universo é ins-
tável.

Leonardo Lobão

LEONARDO LOBÃO

Memória

Pintura

70 x 50 cm

64

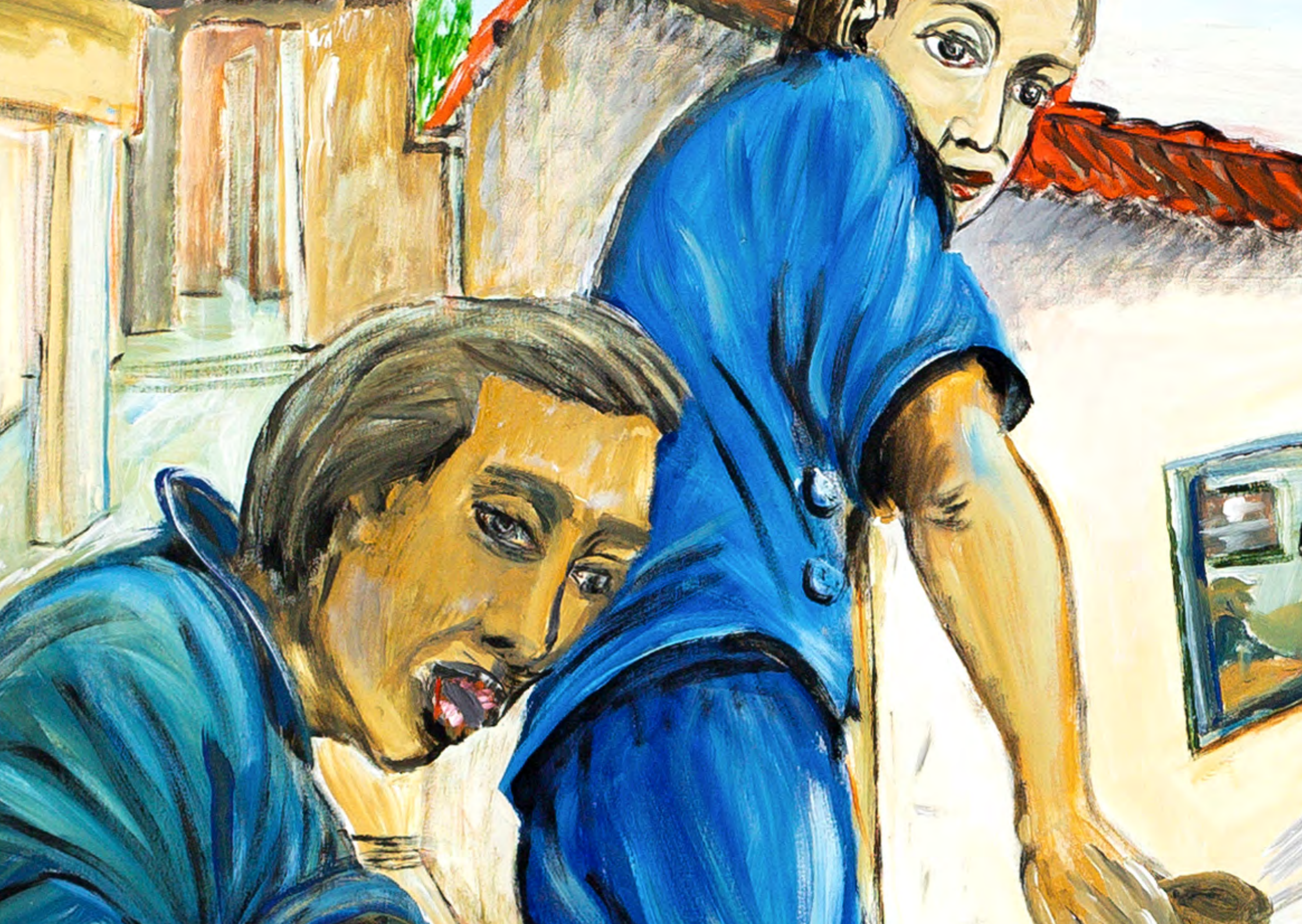


LEONARDO LOBÃO
Interação, 2022
Pintura
140 x 180 cm



65

LEONARDO LOBÃO
Família no cais, 1994
Pintura
46 x 56 cm





PATRICIA RUTH

(Igarapé Açu, 1953)

Patricia Ruth é uma artista multimídia e sua história é marcada pela institucionalização desde o nascimento em 1953, mas também por sua coragem e vontade de vida. Morou em vários estados do Brasil, como Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro, onde vive desde o início da década de 1970, quando foi compulsoriamente internada na Colônia Juliano Moreira, aos 17 anos.

Patricia foi uma das primeiras integrantes do Ateliê Gaia, na década de 1990. A artista pinta, borda, escreve e desenha. Seu trabalho está profundamente conectado às suas memórias afetivas, especialmente aquelas ligadas a Belém. Costuma representar aglomerados de pequenas casas, compondo com muitas cores uma rica e vernacular geometria. Barcos, céu, rios e estradas também são elementos muito presentes em suas pinturas e bordados.

Sua primeira exposição ocorreu no Museu Nacional de Belas Artes, em 1999. Participou de exposições coletivas em diversas instituições prestigiadas, como Museu de Arte do Rio, SESC

Pompéia e Itaú Cultural. Em 2022, sua arte estampou uma coleção de roupas da marca Psicotrópica, de São Paulo. No Museu Bispo do Rosario, participou de diversas exposições, como *Sobrevivências: Sobre Vivências* (2017), com curadoria de Ricardo Resende (2017); *Quilombo do Rosario*, com curadoria de Roberto Conduru (2018); *Utopias: A Vida para Todos os Tempos e Glória*, curadoria de Diana Kolker e Ricardo Resende (2019); *Arte Ponto Vital* (2020) e *Stella do Patrocínio: Me mostrar que não sou sozinha* (2022), onde colaborou como curadora e artista e *Pequenas Cosmogonia: Como Brotar Mundos?* (2023), onde apresentou pela primeira vez seus desenhos digitais.

70



71

PATRICIA RUTH
Sem título, 2010
Pintura
60,5 x 30 cm

72



PATRICIA RUTH
O mundo colorido de Patricia, 1999
Pintura
84 x 60 cm

73



PATRICIA RUTH
O mundo colorido de Patricia, 2013
Pintura
45 x 42 cm



PATRICIA RUTH
A casa do sertão, 2024
Pintura
32 x 100 cm

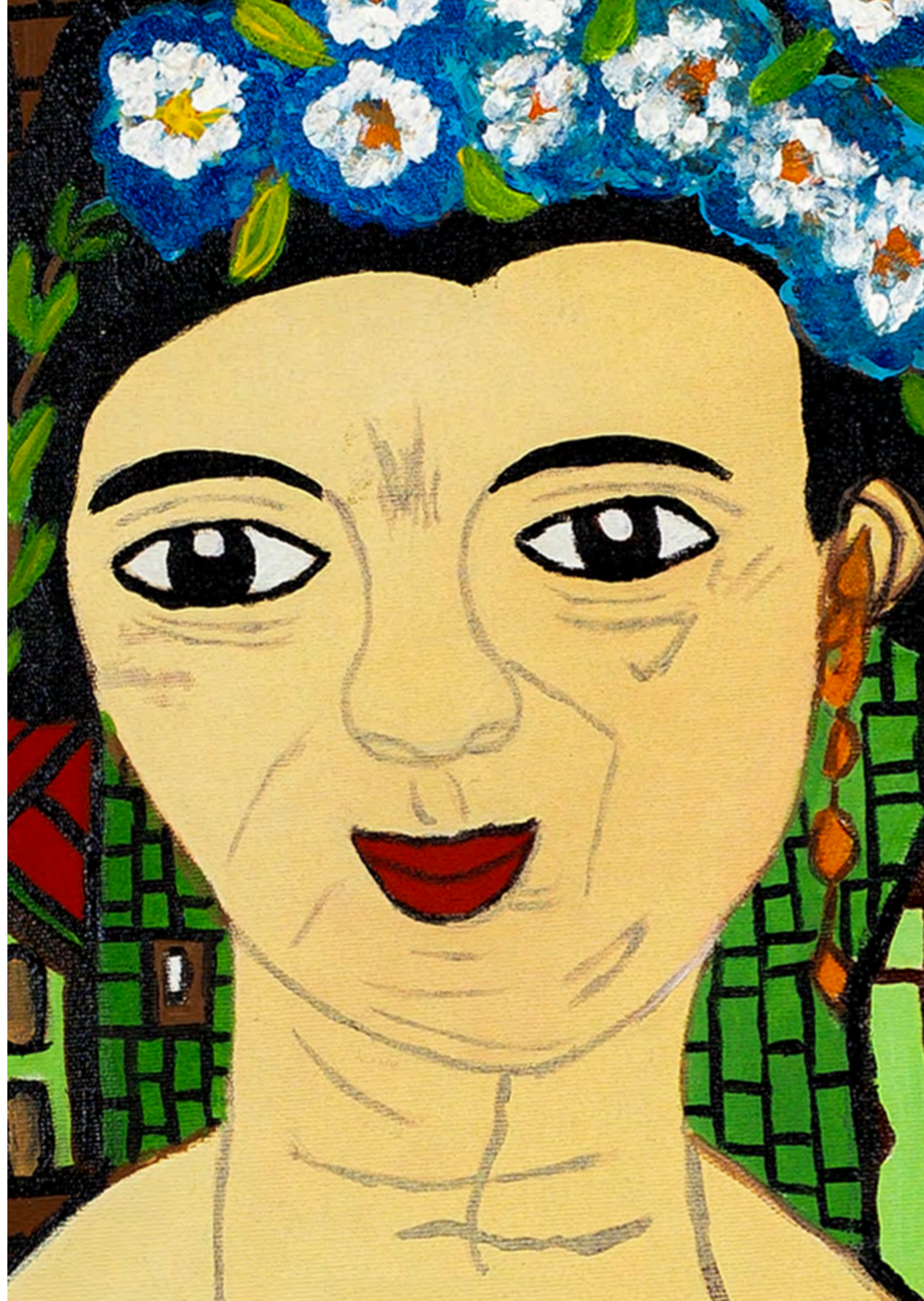


PATRICIA RUTH

Meu espelho com Frida, 2023

Pintura

70 x 50 cm



ARLINDO OLIVEIRA

(Rio de Janeiro, 1951)

78

Internado na Colônia Juliano Moreira ainda criança, com a Reforma Psiquiátrica passou a viver em uma moradia do território e a participar das oficinas de fotografia e de carpintaria oferecidas como Terapia Ocupacional no antigo Museu Nise da Silveira. Um dos mais antigos membros do Ateliê Gaia, desde sua fundação, Arlindo experimenta diversas linguagens, suportes, técnicas e materiais que coleta no território da Colônia onde vive e trabalha. Além de sua vasta produção de objetos, instalações e pinturas, realiza performances relacionadas a sua memória como ex-interno na Colônia Juliano Moreira, a Tresformance. Desde 2022 apresenta seu “Bolero com Alcione”, em que dança com uma boneca por ele criada.

No Museu Bispo do Rosario, participou como co-curador e artista na exposição *Arte Ponto Vital* (2021), além de contribuir como artista nas coletivas *Pequenas Cosmogonias: Como brotar mundos?* (2023), *Utopias: A Vida para Todos os Tempos e Gloria* (2019), *Quilombo do Rosario* (2018), *Sobrevivências: Sobre Vivências* (2017), *Das Virgens em Cardumes e da Cor das Auras* (2017), *Sem Fronteiras* (2013), *Play* (2014), entre outras. No Itaú Cultural (SP) integrou



“O CORAÇÃO BATE 70 MINUTOS POR SEGUNDO”

a exposição *Bispo do Rosario: Eu vim - Aparição, Impregnação e Impacto*, realizada em 2022. No Museu de Arte do Rio participou das exposições *Coleção MAR + Enciclopédia Negra* (2022), *Casa Carioca* (2020), *Lugares do Delírio* (2017), que foi também apresentada no SESC Pompeia (SP, 2018); Na Casa França Brasil (RJ, 2019) participou da instalação *Torre de Babel*, concebida por Otavio Avancini. No Museu do Pontal participou da mostra *Prosperidade, Felicidade em Tudo* (RJ, 2022). Algumas de suas obras fazem parte de coleções particulares e dos acervos do Museu Bispo do Rosario (RJ), do Museu de Arte do Rio (RJ) e do Museu AfroBrasil Emanuel Araujo (SP), consolidando sua importância no contexto da arte contemporânea.

**ARLINDO OLIVEIRA**

O véio

Escultura

109 x 54 x 78 cm

na página ao lado

Sem título

Performance: dança de bolero com a obra Alcione



84



85

ARLINDO OLIVEIRA
O navegar, 2021
Escultura
138 x 48 x 230 cm

86



ARLINDO OLIVEIRA
 Carro Bope, s/d
 Escultura
 60 x 33 x 87,5 cm

87



ARLINDO OLIVEIRA
 Sucuri, 2019
 Pintura
 108 x 77 cm



ARLINDO OLIVEIRA
Venha aqui, 2021
Escultura
82 x 49 x 86 cm





LUIZ CARLOS MARQUES

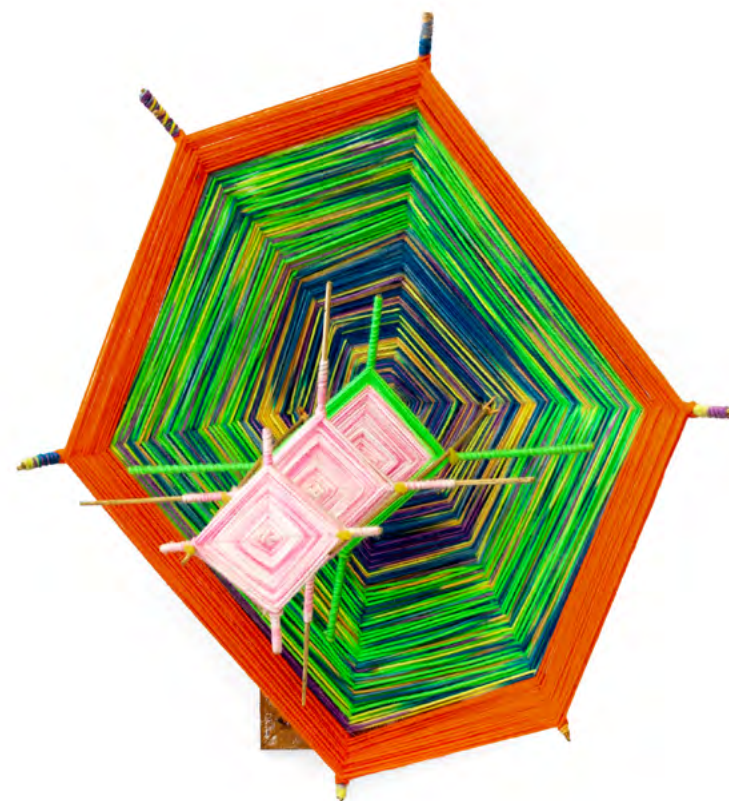
(Rio de Janeiro, 1973)

Luiz Carlos é um artista versátil e explora diversas linguagens com destaque para as artes do fio, pintura, música, escultura e instalação. Com uma trajetória que reflete sua conexão com a cultura e a comunidade, ele desempenhou papéis significativos como Mestre de Bateria do Bloco Império Colonial e como integrante do bloco Loucura Suburbana, contribuindo para a riqueza e vitalidade das tradições culturais do Rio.

Destacando-se pela sua habilidade em manipular materiais como bambu e linha, criou instalações suspensas que encantam por sua delicadeza e grandiosidade. No Museu Bispo do Rosario, participou da exposição *Arte Ponto Vital* (2021), como curador e artista - um testemunho de sua versatilidade e visão artística abrangente. Contribuiu como artista nas coletivas *Pequenas Cosmogonias: Como brotar mundos?* (2023), *Utopias: A Vida para Todos os Tempos e Gloria* (2019), *Quilombo do Rosario* (2018), *Sobrevivências: Sobre Vivências* (2017), *Das Virgens em Cardumes e da Cor das Auras* (2016), *Sem Fronteiras* (2013), *Play* (2014), entre outras. No Itaú Cultural (SP) integrou a exposição *Bispo do Rosario: Eu vim - Aparição, Impregnação e Impacto*, realizada em 2022. No Museu de Arte do Rio participou da

exposição *Lugares do Delírio* (2017), que foi também apresentada no SESC Pompeia (SP, 2018); Ainda em 2018, participou da 14ª edição da Bienal de Arte Naif, em Piracicaba. Na Casa França Brasil (RJ, 2019) participou da instalação *Torre de Babel*.

Sua arte também encontrou um lar no Museu de Arte do Rio (MAR), onde duas de suas obras fazem parte do acervo, testemunhando sua influência duradoura e contribuição para o patrimônio cultural da cidade.



LUIZ CARLOS MARQUES
Sem título, 2014
Instalação
57 x 52 x 38 cm

94



LUIZ CARLOS MARQUES
Riacho Azul, 2000
Pintura
83 x 65 cm

95



LUIZ CARLOS MARQUES
Arte naif estilo novo, s/d
Pintura
57,4 x 48,3 cm

96



LUIZ CARLOS MARQUES

Uma releitura em forma de pensamento, 2014

Pintura

70 x 50 cm

97



LUIZ CARLOS MARQUES

O dragão de duas cabeças, 2013

Pintura

58 x 58,5 cm



SEBASTIÃO SWAYZZER

(Rio de Janeiro, 1958)

Artista integrante do Ateliê Gaia, trabalha com pintura sobre tela e desenho. Ministrou aulas e oficinas de desenho e pintura para usuários dos serviços de saúde mental. Participou de diversas exposições coletivas no Museu Bispo do Rosario, como *Arte Ponto Vital* (2021), *Utopias: À vida para todos os tempos e glória* (2019), *Quilombo do Rosario* (2018), *Sobrevivências: Sobre Vivências* (2017).



102



SEBASTIÃO SWAYZZER
Marinha, 2021
Pintura
60 x 80 cm



103

SEBASTIÃO SWAYZZER
Sem título, s/d
Pintura
80 x 100 cm

**SEBASTIÃO SWAYZZER**

Sem título, 2004

Pintura

45,5 x 30,5 cm





CLOVIS APARECIDO DOS SANTOS

(Avaré, 1960)

Clovis é conhecido por sua abordagem multifacetada que se expressa por diferentes meios e materiais, destacando-se entre eles: madeira, tinta, plantas, argamassa e concreto. Sua arte cria um universo fantástico. Além de seu trabalho visual, Clovis compôs músicas que se tornaram parte do repertório comum dos participantes e frequentadores do Museu Bispo do Rosario.

Seu percurso no campo da arte iniciou através do encontro com a artista Lívia Flores, com quem realizou diversas parcerias e integrou vários de seus trabalhos. Em 2002, colaborou com a artista na exposição *Puzzlepólis*, apresentada no Espaço Cultural Sérgio Porto. Em 2004, a parceria resultou na obra apresentada pela artista na 26ª Bienal de São Paulo, em que Clovis apresentou 58 peças. Em 2015, realizou sua primeira exposição individual na Galeria Estação, em São Paulo, com a curadoria de Germana Monte-Mor e Ricardo Resende, um marco significativo em sua carreira. Em 2017, realizou nova parceria com Lívia Flores, com a videoarte intitulada *Uma bandeira muito antiga*, apresentada na exposição *Histórias Fora da Ordem*, no Museu Histórico Nacional.

Sua obra tem sido objeto de interesse em diversas exposições coletivas, tanto no Museu Bispo

do Rosario quanto em outras instituições de arte, como Itaú Cultural em São Paulo, Museu de Arte do Rio e no SESC Pompeia.

No Museu Bispo do Rosario, integrou exposições como *Arte Ponto Vital* (2021) e *Pequenas Cosmogonias: Como brotar mundos?* (2023), *Utopias: A Vida para Todos os Tempos e Gloria* (2019), *Quilombo do Rosario* (2018) e *Sobrevivências: Sobre Vivências* (2017). Sua participação na exposição *Bispo do Rosario: Eu vim - Aparição, Impregnação e Impacto*, no Itaú Cultural, em São Paulo, é mais uma demonstração do seu significativo legado no cenário da arte contemporânea. Algumas de suas obras fazem parte de coleções privadas, do Museu Bispo do Rosario e do acervo do Museu de Arte do Rio (MAR).



CLOVIS APARECIDO

Sem título, s/d

Escultura

32,5 x 53 x 60 cm

110



111



CLOVIS APARECIDO
Nu via de madrugada, s/d
Escultura
95 x 51 x 38 cm

112



CLOVIS APARECIDO
Nu via de madrugada, s/d
Escultura
95 x 51 x 38 cm



113

CLOVIS APARECIDO
Sem título, s/d
Escultura
32,5 x 53 x 60 cm

114



115

CLOVIS APARECIDO
Moto ao lado do Bistrô, 2023
Escultura
112 x 64 x 207 cm





PEDRO MOTA

(Rio de Janeiro, 1967)

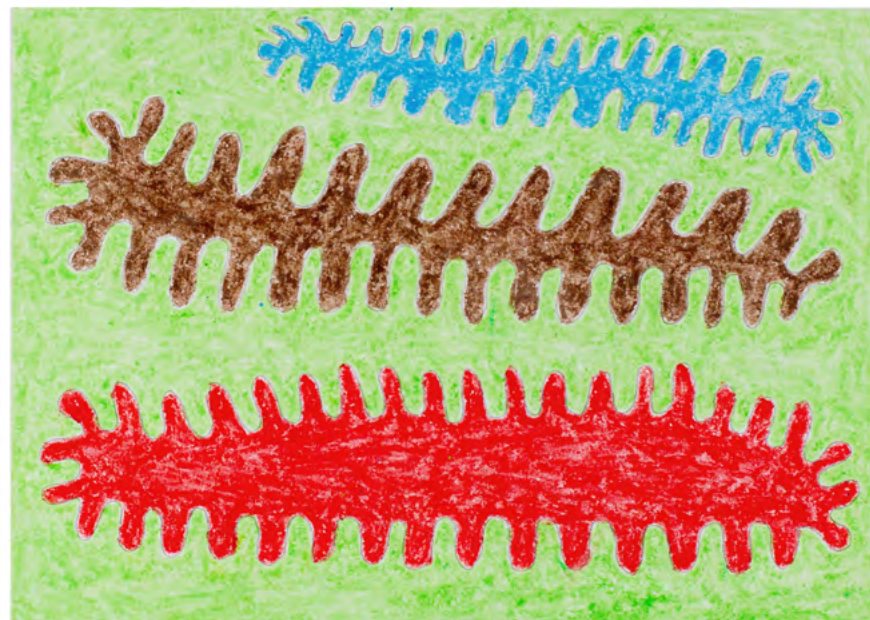
Nascido e criado na cidade do Rio de Janeiro, Pedro Mota é artista e membro do Ateliê Gaia no Museu Bispo do Rosario, onde seu interesse pelo desenho e pintura se desenvolveu. Sua trajetória artística é marcada por uma série de participações em exposições, em que realiza desdobramentos de sua série: Prosperidade, Felicidade em tudo.

No Museu Bispo do Rosario, integrou diversas exposições como *Pequenas Cosmogonias: Como brotar mundos?* (2023), *Arte Ponto Vital* (2021); *Utopias: A Vida para Todos os Tempos e Glória* (2019); *Quilombo do Rosario* (2018) e *Sobrevivências: Sobre Vivências* (2017).

Em 2017, suas obras participaram na exposição *Constelar*, com curadoria de Marcelo Campos; na Instituição Pro-Saber, *Lugares do Delírio*, com curadoria de Tania Rivera, no Museu de Arte do Rio; e, posteriormente no SESC Pompeia, em 2018. Ainda em 2017, a arte de Pedro Mota alcançou uma nova dimensão ao ser selecionada para estampar a coleção *Limiar*, da marca de roupas paulista Psicotrópica, evidenciando o alcance e versatilidade

de seu trabalho. Em 2022, suas obras também foram destaque na exposição *Bispo do Rosario: Eu vim - Aparição, Impregnação e Impacto*, realizada no Itaú Cultural, em São Paulo, com curadoria de Diana Kolker e Ricardo Resende. Em 2023, integrou a exposição *Liga Pontos*, com curadoria de Julie Dumont, na Tropigalpão.

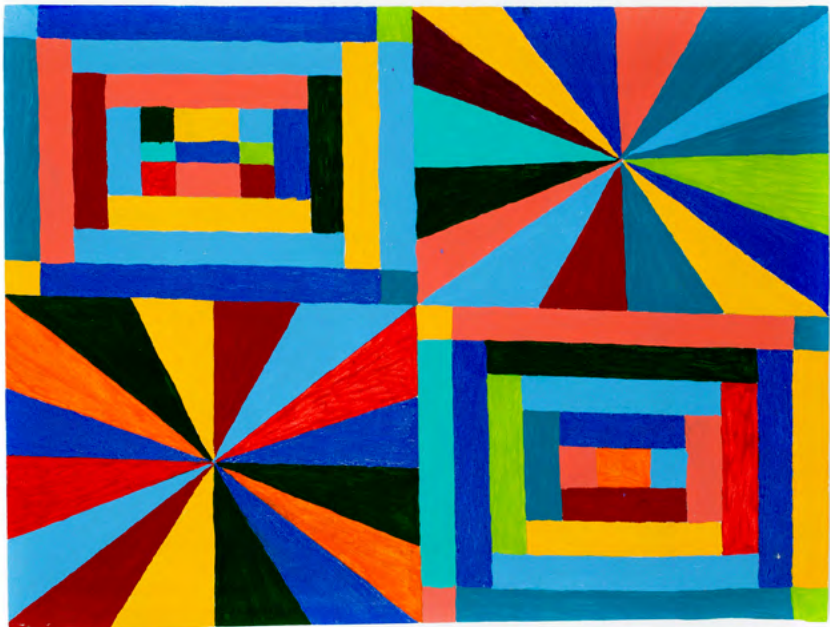
120



121

PEDRO MOTA
Prosperidade, felicidade em tudo, s/d
Desenho
39,7 x 49,8 cm

122



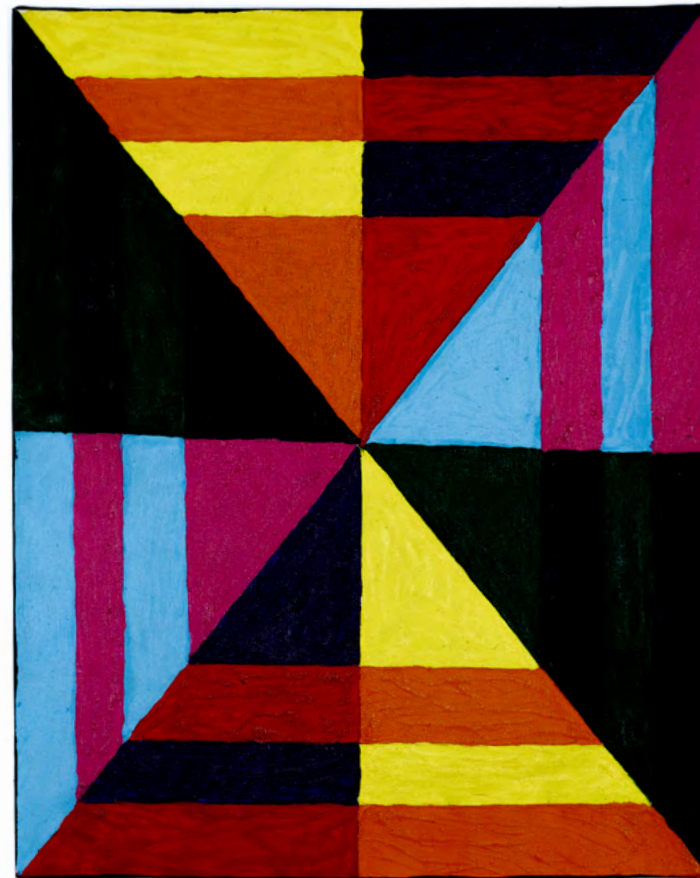
PEDRO MOTA

Prosperidade, felicidade em tudo, s/d

Pintura

62 x 78,6 cm

123



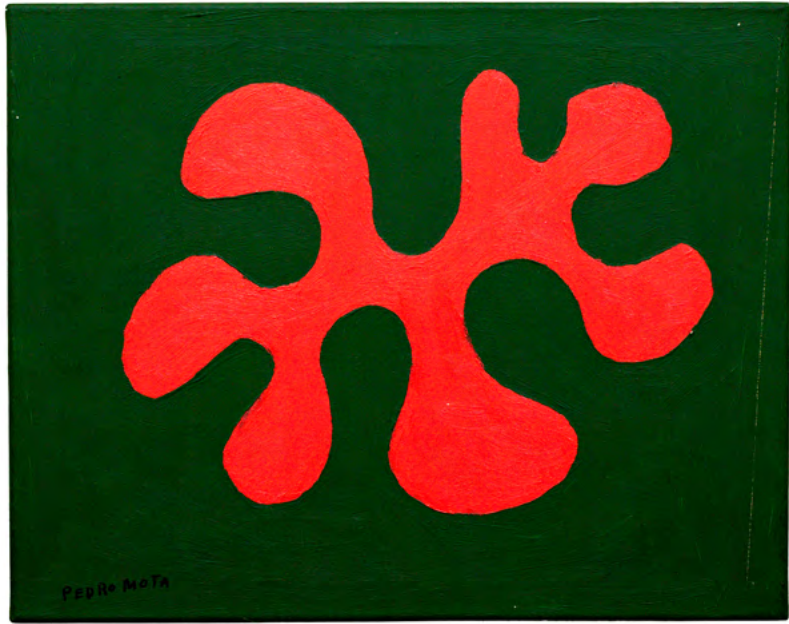
PEDRO MOTA

Prosperidade, felicidade em tudo, s/d

Pintura

50 x 40 cm

124



PEDRO MOTA
Prosperidade, felicidade em tudo, s/d
Pintura
39,7 x 49,8 cm

125



PEDRO MOTA
Prosperidade, felicidade em tudo, s/d
Pintura
39,7 x 49,8 cm





VICTOR ALEXANDRE

(Rio de Janeiro, 1983)

Interessado em desenho desde a infância, desenvolve e aprimora sua técnica no Ateliê Gaia desde 2012. No Museu Bispo do Rosário participou da exposição coletiva *Play*, com a curadoria de Marta Mestre e Fernanda Pequeno (2013), da exposição *Sobrevivências: Sobre Vivências* (2017), com curadoria de Ricardo Resende e da exposição *Utopias: A vida para todos os tempos e glória*, curadoria de Ricardo Resende e Diana Kolker (2019).

130



VICTOR ALEXANDRE
A Vila, 2023
Pintura
16 x 22 cm



131

VICTOR ALEXANDRE
As rosas, 2013
Pintura
80 x 60 cm

132



VICTOR ALEXANDRE
As meninas, s/d
Pintura
40 x 24 cm

133



VICTOR ALEXANDRE
Moça bonita, 2014
Escultura
16 x 10 x 9 cm

134



VICTOR ALEXANDRE
A origem da vida, 2024
Escultura
12 x 11 x 7 cm

ANDRÉ BASTOS

(Rio de Janeiro, 1971-2021)

Carioca, militante da luta antimanicomial, apaixonado por música, artes visuais e filosofia, foi integrante do Ateliê Gaia, da Rádio Delírio Cultural, do Bloco Império Colonial e da Banda 762, programas realizados pelo Museu Bispo do Rosario. Fisioterapeuta aposentado, foi internado no extinto Núcleo Rodrigues Caldas, da Colônia Juliano Moreira e viveu seus últimos anos em uma residência terapêutica. André realizou palestras e produções artísticas relacionadas à Reforma Psiquiátrica Brasileira. Colaborou no projeto Arte e Cuidado, realizado pelo Instituto Mesa, que resultou na edição *Cuidado como Método*, da Revista Mesa (2017), na exposição no Museu Bispo do Rosario, *Quilombo do Rosario* como mediador convidado (2018), no projeto *Não coma o microfone*, realizado pela artista Veridiana Zurita durante a exposição, no Museu Bispo do Rosario, *Utopias: A vida para todos os tempos e Glória* (2019). Em 2021, integrou a exposição *Arte Ponto Vital*, no Museu Bispo do Rosario, como co-curador, artista e mediador. Nesse mesmo ano, organizou a proposição artística Carta Aberta de um Morador de Residência Terapêutica, que foi finalizada após seu falecimento, através de uma colaboração entre o Caps Neuza Souza Santos e o Museu Bispo do Rosario. Essa obra integrou a exposição *Ensaio para o Museu das Origens*, de curadoria de Izabela Pucu e Paulo Miyada, no Itaú Cultural e Instituto Tomie Ohtake, em SP, inaugurada em setembro de 2023.



138



ANDRÉ BASTOS
Sincretismos, 2021
Instalação
26 x 13 x 13 cm





ROGÉRIA BARBOSA

(Rio de Janeiro, 1967)

Artista, palestrante, escritora e militante na luta antimanicomial, além de sua formação como professora de educação infantil, é presidente de honra do bloco Zona Mental. A presença de Rogéria nas exposições é notável, tanto nacional quanto internacionalmente. Em 2009, uma de suas obras foi selecionada para integrar a V Bienal de las Artes y La Salud Mental, em Cuba, como parte do projeto Cartografias da Criação. Como integrante do Ateliê Gaia, no Museu Bispo do Rosario, Rogéria mergulha em um universo de cores, formas e sensações, explorando o desenho, a colagem e a pintura para fundir abstração e figuração. Sua obra, rica em profundidade emocional, dá voz e visibilidade à história das mulheres negras e à complexidade da sexualidade feminina. Além de sua expressão visual, Rogéria também é poeta, com obras que já participaram de concursos, sendo publicadas e premiadas. Em 2022, lançou seu primeiro livro autobiográfico, *Uma trajetória, uma vida, uma escolha*.

Em 2021 sua contribuição para a exposição *Arte Ponto Vital*, no Museu Bispo do Rosario, destacou-se não apenas por seus trabalhos, mas também pela concepção curatorial, experiência

que se repetiu em 2022, quando participou como artista e curadora na exposição *Stella do Patrocínio: Me Mostrar que Eu Não Sou Sozinha, Que Tem Outras Iguais, Semelhantes a Mim e Diferentes*. No mesmo ano integrou a exposição *Bispo do Rosario - Eu Vim: Aparição, Impregnação e Impacto*, no Itaú Cultural (SP), com curadoria de Diana Kolker e Ricardo Resende. Em 2023 participou da exposição *Pequenas Cosmogonias: Como Brotar Mundos?*. Em suas próprias palavras, Rogéria revela a essência de sua arte:

“GOSTO DE ME SENTIR VIVA ATRAVÉS DA ARTE. EM UM DESENHO POSSO REVELAR MEU CANTINHO. A LIBERDADE QUE VEM DE MIM”

144



ROGÉRIA BARBOSA

Putá, 2022
Pintura
49,6 x 59 cm



145

ROGÉRIA BARBOSA

Águidas, 2014
Pintura
70 x 50 cm

146



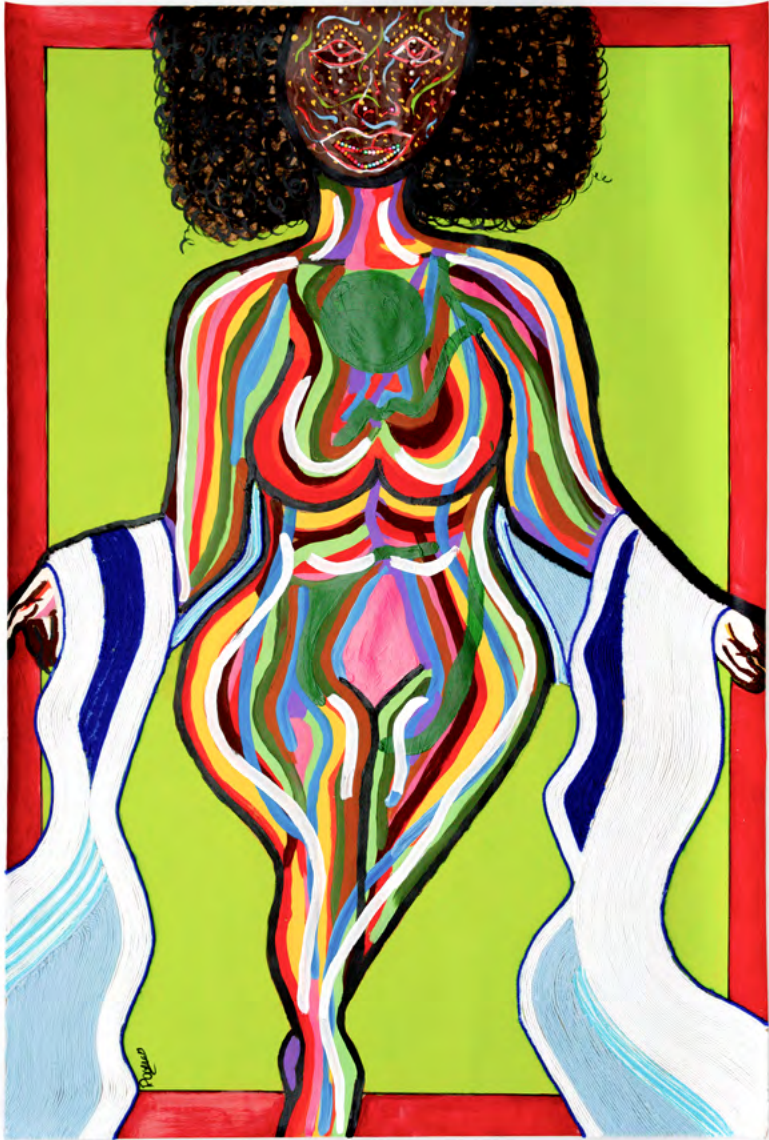
ROGÉRIA BARBOSA
Tempo de liberdade, 2019
Pintura
100 x 50 cm

147

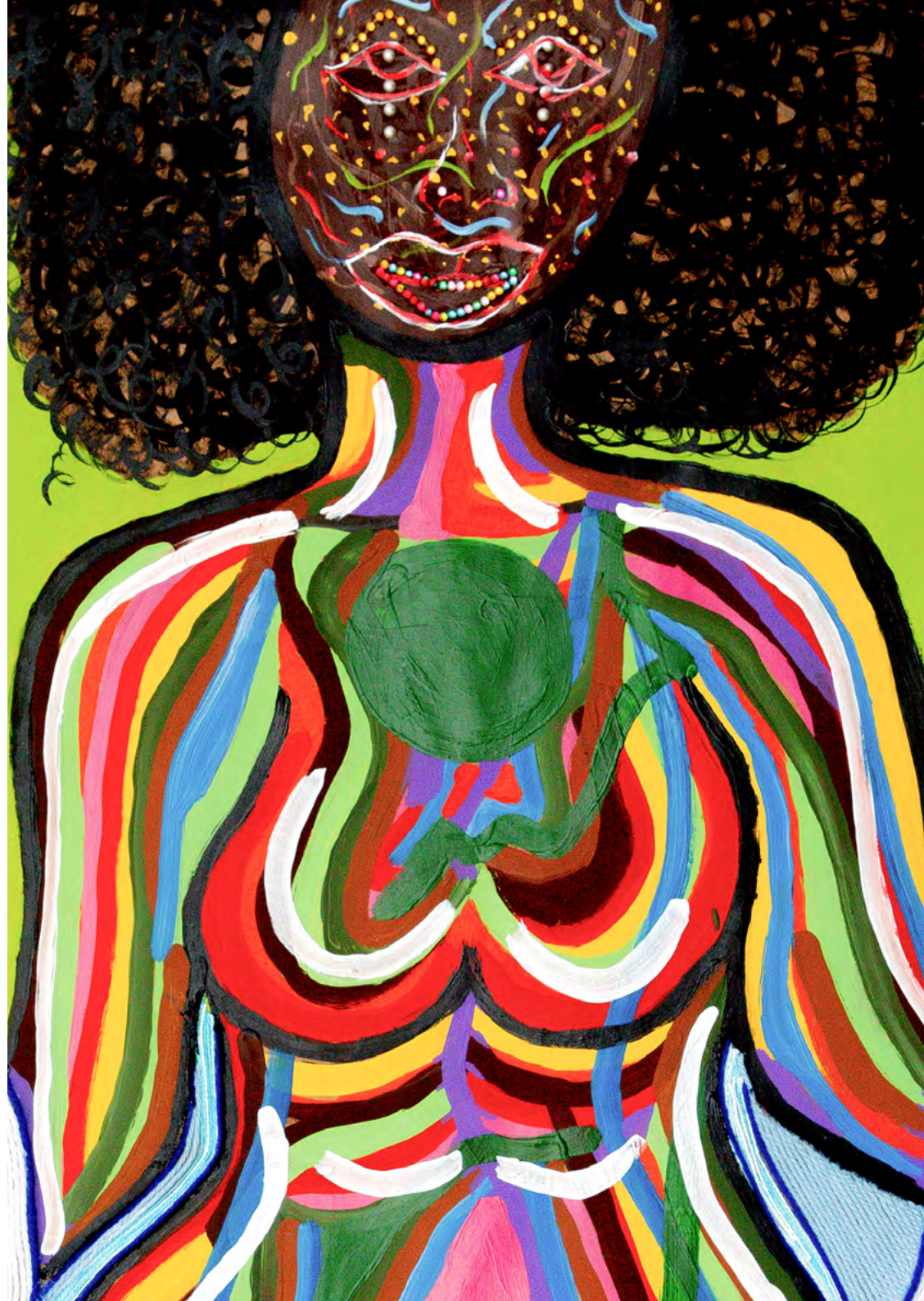


ROGÉRIA BARBOSA
Cruz, acontece, espada, 2020
Pintura
80 x 50 cm

148



ROGÉRIA BARBOSA
Vênus, 2024
Pintura
100,17 x 82 cm



JANE ALMENDRA

(Rio de Janeiro, 1970)

Integrante do Ateliê Gaia em 2018, sua obra é impregnada pelo desejo de compartilhar delicadezas através de suas pinturas e esculturas. Sua iniciação à escultura partiu do desejo de criar algo com suas próprias mãos. Sem recursos para comprar materiais, teve a ideia de esculpir numa barra de sabão e assim nasceu sua paixão. No ateliê de uma artista cursou escultura em argila, mas insatisfeita com o material, descobriu na firmeza da pedra-sabão aquilo que buscava. “É o material que eu me encontrei” – diz Jane. Sua primeira produção surpreendeu a todos, tamanha a qualidade formal e a beleza de suas criações.

Ao longo de sua carreira, Jane Almendra acumulou reconhecimento significativo, incluindo prêmios em salões de arte como Brasil Arte, além de distinções da Associação brasileira de desenho (ABD), Associação brasileira de imprensa (ABI) e SENAI, em colaboração com Marchan Kim Mattos. Em 1998, recebeu uma menção honrosa com a peça *O Sono de Adele*, no SENAI Tijuca, em seu primeiro ano de carreira. Segundo a artista, este trabalho



reflete sua busca por simbolizar não apenas a pedra, mas a essência da pedra como ser.

Após um intervalo de dez anos longe de seu ateliê, Jane retomou sua prática artística em 2018, frequentando as aulas de pintura ministradas por Leonardo Lobão no Ateliê Gaia. Sua dedicação e talento chamaram a atenção do coletivo que, prontamente, a convidou para integrá-lo. No Museu Bispo do Rosario, Jane participou de exposições de destaque, incluindo *Utopias: A Vida para Todos os Tempos e Glória* (2019) e *Pequenas Cosmogonias: Como Brotar Mundos?* (2023).



JANE ALMENDRA
São Miguel Arcanjo, 2022
Pintura
100 x 80 cm

154



JANE ALMENDRA
As três marias, 2024
Pintura
50 x 40,3 cm



155

JANE ALMENDRA
Vaso de flores, 2022
Pintura
40 x 30 cm

156



JANE ALMENDRA
EVA IV, 2005
Escultura
45 x 29,5 x 22 cm

157



JANE ALMENDRA
Mulher do cosmos, 2023
Escultura
6,5 x 15 x 11,5 cm



RANIERI

(Rio de Janeiro, 1991)

Morador do bairro de Santíssimo, mais especificamente no Morro da Titica, uma pequena comunidade da Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde nasceu e cresceu. Sua produção artística é uma expressão vívida de suas reflexões sobre as relações sociais e sua conexão com a natureza, uma paixão que o acompanha desde a infância.

Focado em desenho, pintura e escultura, Ranieri busca trazer à vida universos fantásticos através de suas criações. Seus seres lúdicos, diferentes em forma e comportamento, habitam um mundo de harmonia e liberdade, refletindo sua visão imaginativa da realidade e das relações humanas.

Ranieri teve a oportunidade de expor sua arte na mostra *Pequenas Cosmogonias: Como Brotar Mundos?* (2023), no Museu Bispo do Rosário, onde seus universos encantaram o público. Seu desejo atual é expandir sua expressão artística para o tridimensional, através da criação de instalações e esculturas em maior escala, levando assim suas visões de mundo para novas dimensões.





RANIERI

Para Kendra, 2022

Desenho

48 x 33 cm

“ME INSPIRO BASTANTE NAS
OBSERVAÇÕES QUE FAÇO DA
NATUREZA E DO COTIDIANO.
TENHO APRENDIDO A OUVIR
NÃO SÓ COM OS OUVIDOS,
E DESTA MANEIRA, APRENDO
TAMBÉM A FALAR NÃO SÓ
COM A BOCA. É MEU MAIOR
APRENDIZADO.”

164



165

RANIERI
Maria Rosenda, 2023
Pintura
40 x 59,5 cm

166



RANIERI
Euzinho, 2023
Colagem
76 x 48,5 cm

167



RANIERI
Julia, 2023
Pintura
39,5 x 30 cm

168



RANIERI
Novos céus e nova terra, 2024
Pintura
80 x 149 cm





IVANILDO FERREIRA

(Recife, 1963)

Sua estreia no cenário artístico aconteceu na Galeria do Ateliê no Museu Bispo do Rosario, onde expôs seus desenhos com grande sucesso. Inspirado pela vida e obra de Arthur Bispo do Rosario, Ivanildo encontrou em seu trabalho uma fonte constante de inspiração e motivação.

Centralizando sua produção em desenhos e estudos, Ivanildo também cultiva a prática da escrita em seu caderno de artista. Nesse espaço íntimo, ele registra não apenas reflexões sobre sua jornada, mas também os detalhes do seu dia-a-dia e as nuances da sua própria experiência como artista. Essa intersecção entre a arte visual e a expressão escrita confere uma profundidade única ao seu processo criativo, revelando as camadas de significado por trás de cada obra que produz.



Estou na Colônia Juliana Moreira
Eu estou bem.
Participativo, fazendo e desenhando com muito
atenção.
Com desenhos que fui fazer com a Colônia
Juliana Moreira
sua história e existência é muito bonita
na história desde de seus princípios e existência
ela fez um planejamento de 9 mil pessoas.
Pás de Janeiro, 18 de Abril de 2024.
Ivanildo Ferreira de Sato!

172

IVANILDO FERREIRA
O pôr do sol, 2024
Desenho
47 x 33 cm



Pás de Janeiro, 24 de Janeiro de 2024.
Ivanildo Ferreira de Sato
Eu Ivanildo faço parte do Coia
do Rosário, e Hoje é um dia de Estar na Atividade
Museu tanto com fazer a Mediação, e desenha
na Semana Passada e fiz Assim: Esse
lado emocional; no momento de
eu fiz as Paisagens
quadros:

173

IVANILDO FERREIRA
Colorimetria, 2024
Desenho
30 x 20 cm

Confudo não se pode deixar de atribuir a ela a verdadeira importância que possui para o despacho dos casos se tudo começa dentro daquele cenário, cabe a ela a Orientação.

Joaquão de Ferrera de Sales

Bom dia!

Voluntariamente estou aqui no Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea.

Eu me falo diariamente por ter Boa Saúde, participo de Atividades; ontem foi dia 9/4/2024, terça-feira, tomei Vacina para gripe reagiu bastante, passei o dia tranquilo e por isso que eu me encontro Bem graças a Deus. Eu gosto de escrever mensagens no celular assim na palma um Branco, até mesmo o que acontece de Bom em minha vida.

Em Santa-Cruz ontem eu estive no shopping visitando livreria com grande qualidade e generoso por hoje após o Almoço do Simão Bacamarte, onde estava sendo realizada uma Pátria de Equipe.

Como é de costume as terça-feira ter as reuniões de família, eu participei, na minha falação eu falei do meu Bem Estar e que o Simão Bacamarte tem uma Variedade de Atividades durante a Semana.

Eu permaneço no Simão Bacamarte nos dias de Sexta-feira de manhã, e terça-feira que passou também.

Uma das Vacinas que tomei está ainda doendo que foi uma fitetânica.

fiz muita caminhada no calçadão de Santa-Cruz.

Eu adquiri um livro que fala sobre a inclusão e Bullying; no valor de R\$ 2,00 real. Hoje eu cheguei no Museu Arthur Bispo do Rosário Arte Contemporânea por que veni de Carona com o seu Alexandre. Eu venho olhando as ruas e conversando com a Diretora do Museu seu Alexandre.

Eu pedi a uma empresa de WhirK's internet. Para instalar uma na minha Residência, casa até o dia 15/04/2024.

O Preço eu gostei que é de R\$ 59,00 real e um contrato de um ano.

Rio de Janeiro, 11 de Abril de 2024.

Joaquão de Ferrera de Sales

A presença de todos é muito importante aqui no Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea. Apartir desse momento, estaremos socializando a única só Questão a união ideal.

Desde os primeiros momentos que não se ocupamos, as ideias tem um objetivo.

Oliante dessa Questão estão presente Simão Romero, Praticio Ruthe, Jane Almeida, Rogério Carlos, seu Arlindo, professor André, dentre outros.

Rio de Janeiro, 14 de abril de 2024.

Boa tarde!

Joaquão de Ferrera de Sales

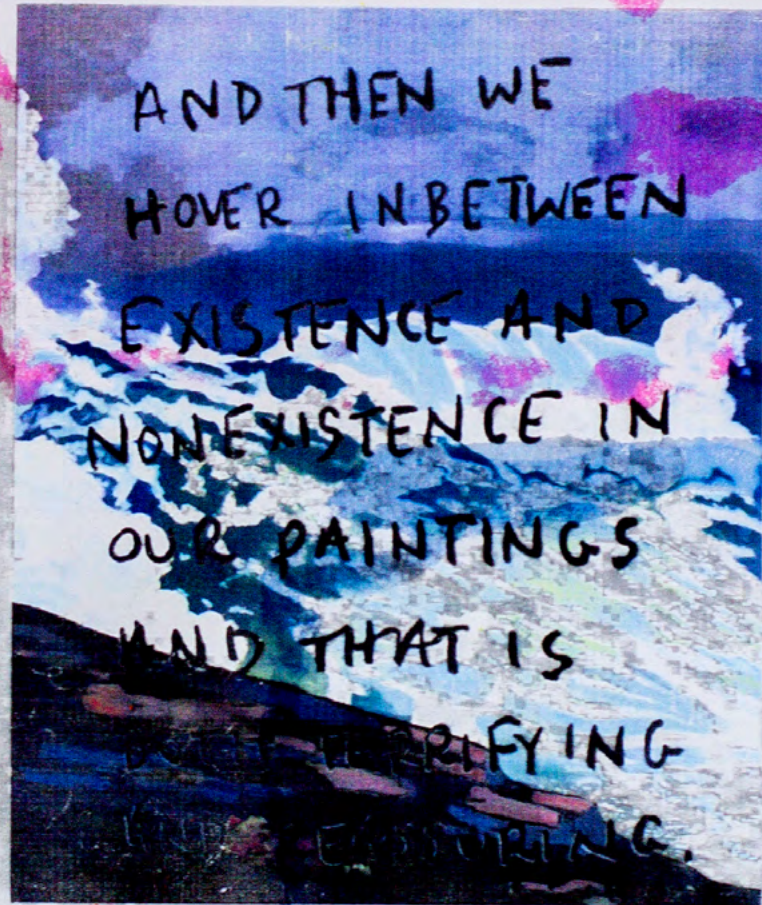
Venho por meio desta lhe informar que na Sexta-feira quando saí daqui até chegar em casa, que tam-

174

175

AND THEN WE
HOVER INBETWEEN
EXISTENCE AND
NOMEXISTENCE
IN OUR PAINTINGS
AND THAT IS
FEARLYING

AND THEN WE
HOVER INBETWEEN



AND THEN WE
HOVER INBETWEEN
EXISTENCE AND
NOMEXISTENCE IN
OUR PAINTINGS

176

177

NOMEXISTENCE
IN
OUR PAINTINGS
RIFYNG
RNG.

AND THAT IS
RIFYNG
AND THEN WE
HOVER INBETWEEN

EXISTENCE AND
NOMEXISTENCE IN

João Roberto de Sá

AND THEN WE
WOMER IN BETWEEN
EXISTENCE AND
NOMEXISTENCE IN
MIND THAT IS
EE RIFYING

Rio de Janeiro, 12 de julho de
2024.
O meu trabalho de Colagens
tem palavra em inglês.
O trabalho de Colagem tem cores
o fundo deste trabalho é a
cor Branca. As palavras
NOME RING. Grande São
letras

AND THEN WE
NOME INBETWEEN
NOMEXISTENCE IN OUR PAINTINGS
MIND THAT IS
EE RIFYING NOME RING.

Rio de Janeiro, 12 de julho
de 2024

Mantidas
O quadrado
maio é a
cor rosa
O azul é um
quadrado
Bonito!
Essas cores
correspondem
Um trabalho
Terapêutico

AND THEN
WE
NOME INBET
WEEN
EXISTENCE
AND
NOMEXISTENCE
IN OUR PAINTI
NGS
MIND THAT
SERI
PERFI
FYING

**IVANILDO FERREIRA**

O passáro, 2024

Pintura

33,5 x 30,5 cm

pág. 178 e 179

O caderno de Ivanildo, 2024

Caderno capa dura, pautado 200 fl.

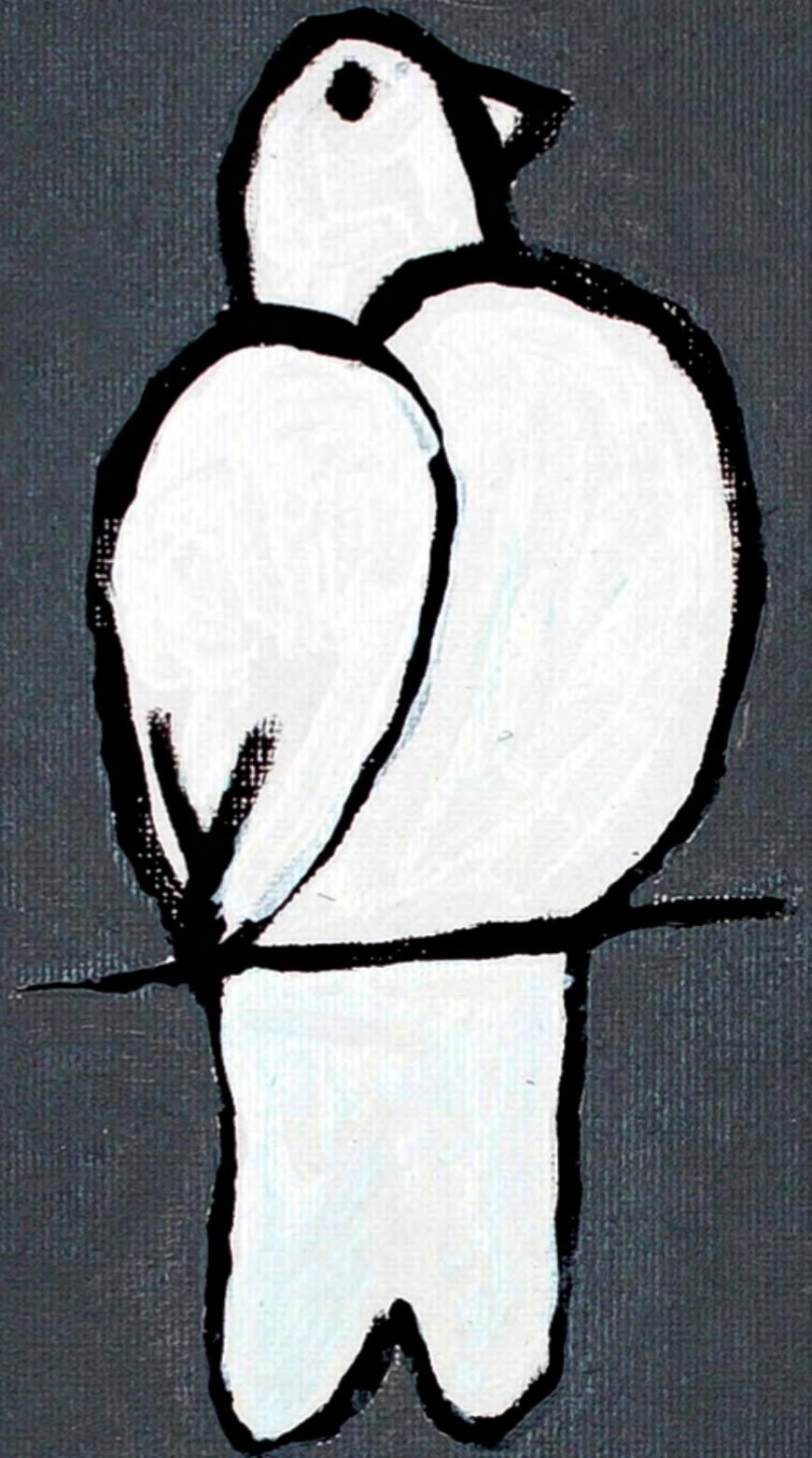
30x 20 x 3 cm

pág. 180 a 183

Colagem criativa, 2024

Desenho

30x 20 cm (frente e verso)



ARTE, MUSEU E PRODUÇÃO ARTÍSTICA:

UMA JORNADA DE RESISTÊNCIA E CONQUISTA

ANDREA MAIA G. PIRES
PRISCILA FAULHABER BARBOSA

Neste ensaio, apresenta-se um breve histórico dos primeiros anos do Ateliê Gaia, localizado no Rio de Janeiro e gerido pelo Museu Bispo do Rosario. Ele se reestruturou ao longo do tempo, adaptando-se às mudanças nas áreas da Saúde Mental e da Terapia Ocupacional e, também, às transformações decorrentes da reforma psiquiátrica brasileira, bem como pelas mudanças na direção do Museu Bispo do Rosario e da antiga Colônia Juliano Moreira (CJM), atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (IMAS JM). Em 1996, o Ministério da Saúde iniciou a transferência da gestão da unidade hospitalar psiquiátrica CJM para a Prefeitura do Rio de Janeiro, processo concluído em 2001 com a criação do IMAS JM (Brasil, 2003). Na última década (2014–2024), o Ateliê Gaia foi influenciado por tendências da arte contemporânea, museologia, saberes das áreas psi, curadorias e pedagogias, entre outras influências, que continuam a moldar esse espaço de criação e resistência.

Após o surgimento do antigo Museu Nise da Silveira, em 1982, renomeado Museu Bispo do Rosario em 2002, foi criada em 1989, dois meses antes da morte de Arthur Bispo do Rosario, a Associação de Amigos dos Artistas da Colônia Juliano Moreira (AAACJM), registrada em 1990. Inspirada na Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente (SAMII), de 1974, a AAACJM teve entre seus fundadores o crítico de arte Frederico Moraes (primeiro presidente), Denise Corrêa, Gerardo Vilaseca e Lula Wanderley. Seu objetivo era melhorar as condições de vida dos pacientes e conservar a obra de Arthur Bispo do Rosario após o seu falecimento, estendendo esses cuidados a todos os artistas da CJM (Fabrício et al., 2016). A proposta da AAACJM inclui proteger o acervo e os direitos dos artistas, promover exposições internas e externas ao museu da CJM, além de realizar atividades culturais, eventos, pesquisas, palestras, debates e outras iniciativas de ensino e informação audiovisual sobre arte e loucura. Também, abrange a edição de livros, revistas, jornais, catálogos, cartões, vídeos e filmes (Corrêa, 2002).

A AAACJM teve como função financiar a oficina de artes que foi criada e realizada no espaço do museu. As atividades foram coordenadas pela psiquiatra Fátima Pereira, pela psicóloga Denise Corrêa e pela artista plástica voluntária Regina Moura, que estavam comprometidas com o processo de ressocialização na CJM. O Ateliê Gaia teve sua origem nesta oficina de artes. Para chegar à fundação do ateliê, foi necessário percorrer 14 anos de história das oficinas de artes até sua fundação oficial, em 2003 (Fabrício et al., 2016). No início, havia a participação de três artistas e pacientes da antiga CJM. O primeiro foi Gilmar Ferreira, convidado para monitorar a oficina de artes

do então Museu Nise da Silveira. Ele era paciente do Hospital Municipal Jurandyr Manfredini (HMJM), localizado na antiga CJM. Outro paciente da mesma unidade e pioneiro na oficina de artes foi Leonardo Lobão, seguido por Patricia Ruth, que foi paciente do Franco da Rocha, pavilhão feminino, todos núcleos da antiga CJM. Esse trabalho de monitoria na oficina de artes era remunerado.

No início da década de 1990, alguns membros da AAACJM se afastaram do então Museu Nise da Silveira, resultando no encerramento da oficina de artes. As atividades foram retomadas em 1995, sob a direção do psicanalista Jorge Gomes, que geriu esse museu até 1998. Nesse período, o folder do museu descrevia a Oficina de Pintura, que contava com 35 participantes e era dedicada à livre expressão e criação pictórica, coordenada por artistas plásticos e usuários dos serviços de saúde mental, incluindo Gilmar Ferreira e Leonardo Lobão (Barreto; Gomes, s.d.). Ao deixar o cargo, Jorge Gomes foi sucedido pelo fotógrafo e mestre em História da Arte, Waldir Barreto, que em 1998 convidou Rita Bittencourt para a coordenação técnica do museu. Waldir dividiu as funções, ficando responsável pelas obras de Bispo do Rosario e por questões artísticas, enquanto Rita Bittencourt coordenava as atividades humanas e terapêuticas da oficina de criação. Em 2000, Waldir Barreto deixou a direção do Museu Nise da Silveira, sendo substituído pelo psiquiatra e psicanalista Ricardo Aquino (Fabrício *et al.*, 2016).

Rita Bittencourt esteve à frente do ateliê de 1998 até a sua aposentadoria em 2012. Quando

Ricardo Aquino assumiu a gestão do Museu Bispo do Rosario, ele transformou o museu em um campo de investigação (Aquino, 2009). Nos anos seguintes, surgiram divergências sobre a projeção artística e o cuidado terapêutico dos usuários, o que causou uma ruptura entre a oficina de artes e o Museu Bispo do Rosario. Rita Bittencourt discordava do rumo que o museu estava tomando sob a direção de Aquino e, por isso, propôs à direção do IMAS JM a separação entre o serviço do ateliê e o museu, o que lhe foi concedido (Fabrício *et al.*, 2016). Assim, em 2003, ela fundou o Ateliê Terapêutico Ocupacional Gaia, que permanece em funcionamento até os dias atuais. Em seu currículo Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), consta que Bittencourt foi a fundadora do ateliê.

Nesse período, Aquino apresentou uma proposta através da Escola Livre de Artes Visuais (ELAVI), que seria um setor do museu independente das exposições e da criação educativa, proporcionando um espaço exclusivo para a criação artística. Nessa escola, artistas e materiais estariam disponíveis para qualquer interessado, incluindo técnicos do hospital psiquiátrico, médicos, psicólogos, assistentes sociais, familiares dos pacientes e a comunidade local. O museu, localizado dentro de um hospital psiquiátrico, utilizaria setores e instalações do hospital para suas atividades, integrando a criação artística como uma alternativa às práticas tradicionais de terapia ocupacional e arteterapia na psiquiatria moderna (Aquino, 2009). No entanto, essa proposta não alcançou êxito naquele momento, principalmente entre os artistas que já participavam das oficinas

e acompanhavam a terapeuta Bittencourt em seu trabalho no Ateliê sob sua coordenação.

No ano de sua fundação, o nome era Ateliê Terapêutico Ocupacional Gaia, posteriormente alterado para Ateliê Terapêutico Gaia durante a década de 2000. Sob a gestão da terapeuta Bittencourt, em uma apresentação, ela explicou que o nome 'Ateliê Gaia' foi escolhido devido à identificação com a terra como uma potência geradora de vida. Ela definiu o ateliê como voltado para arte, singularidades e subjetividades (Nascimento; Maia, 2011). O Ateliê Terapêutico Gaia oferecia especialidades de desdobramento das atividades autoexpressivas por meio de espaços singularizados de atenção, onde a arte é a ferramenta fundamental de ação. O serviço se desenvolvia na área de saúde mental, atendendo internos de longa permanência do instituto, incluindo pacientes das Unidades Hospitalares Ulisses Viana, Franco da Rocha, Rodrigues Caldas, CAPS Arthur Bispo do Rosario e usuários já de alta da instituição, mas ainda em tratamento. Nesse momento, o objetivo do ateliê era oferecer especialidades de desdobramento das atividades autoexpressivas por meio de espaços singularizados de atenção, onde a arte seria a ferramenta fundamental de ação (Soares, 2007).

A museóloga Andrea Pires trabalhou como estagiária no Museu Bispo do Rosario, realizou estágio profissional e foi voluntária no Ateliê Gaia. Na década de 2000, ela vivenciou o rompimento do trabalho do Ateliê com a gestão do museu e acompanhou a rotina diária do serviço no ateliê durante esse período. Aproximadamente 25 usuários, majoritariamente internos do antigo sistema manicomial, chegavam pela

manhã dos diferentes núcleos da CJM, tomavam café da manhã juntos e iniciavam as atividades terapêuticas, principalmente desenho e pintura. Almoçavam no ateliê e depois retornavam para os pavilhões ou para suas casas. A equipe era coordenada pela terapeuta ocupacional Rita Bittencourt, contando com diversas estagiárias do curso de terapia ocupacional e uma museóloga. O espaço do ateliê era aberto a visitas, e era possível comprar obras dos artistas. Todos os usuários eram tratados com carinho e respeito, e diversas comemorações eram realizadas, como festas juninas, celebrações de Natal, da primavera e aniversários dos usuários, com a participação de seus parentes, promovendo um ambiente agradável e de sociabilidade. Os artistas mais atuantes eram Gilmar Ferreira, Leonardo Lobão, Patricia Ruth, Luiz Carlos, Arlindo de Oliveira, Raimundo Camilo e Sebastião Swayzzer, que também ajudavam como monitores de outros usuários com saúde mais debilitada. O ateliê realizava exposições externas em diversos espaços, incluindo a Universidade Castelo Branco, onde Bittencourt também era professora e participava das atividades anuais da luta antimanicomial.

Inicialmente, as oficinas de arte ocuparam as salas do museu. Posteriormente, o Ateliê Terapêutico Ocupacional Gaia passou a ocupar um antigo almoxarifado na parte posterior do Edifício Heitor Perez, sede do IMAS JM e do Museu Bispo do Rosario. Após a separação do museu, o ateliê mudou-se para um antigo galpão no núcleo Ulisses Vianna, onde Arthur Bispo do Rosario viveu em uma cela forte. Em 2013, sob a direção de Raquel Fernandes, o ateliê voltou a integrar as atividades do Museu Bispo do Rosario, através do Polo Experimental de Convivência, Educação e Cultura, criado em

MUNICÍPIO

BAIA



2015, que reunia diversas atividades culturais e de geração de renda do IMAS JM. Segundo Montenegro e Araújo (2017), a criação artística no Ateliê Gaia é valorizada como uma expressão livre, não limitada por interpretações psiquiátricas ou reduzida a um passatempo ou busca de cura. Ao contrário, a arte é vista como uma oportunidade para os indivíduos se recriarem e reinventarem seus mundos, abrindo novas possibilidades e modos de existência. Gogan e Adams (2020) consideram o Ateliê Gaia nesse período como “um estúdio coletivo para artistas e ex-internos do antigo asilo”.

O Ateliê Gaia foi reinaugurado em janeiro de 2024 em um antigo refeitório dos funcionários da CJM, localizado no Edifício Heitor Perez, sob a nova gestão do Museu Bispo do Rosario, por Alexandre Trino, como diretor e Carolina Rodrigues como curadora. Desde 2017, a Coordenação de Educação e Arte está sob a direção de Diana Kolker. Essa mudança de espaço, ocorrida gradualmente entre os anos de 2022 e 2023, marcou o retorno do ateliê ao prédio sede do IMAS JM e do museu. O novo espaço inclui uma área expositiva com um texto de apresentação, uma área para exposição das obras dos artistas com legendas e iluminação adequada, além de mesas e cadeiras para cada artista criar suas obras.

A intenção de descrever os diferentes espaços que o Ateliê Gaia ocupou foi demonstrar os conflitos institucionais que ocorreram durante anos, essas mudanças em sua maioria foram acompanhadas por discordâncias entre os funcionários da instituição. Entretanto, o Ateliê Gaia resiste e insiste, assim como na mitologia grega, Gaia teria surgido apenas depois de Caos, representando a Terra. Caos é o que não

faltou nessa história e uma enorme potencialidade geradora, que o Ateliê Gaia continue gerando arte.

Diante disto, a trajetória do Ateliê Gaia é feita de continuidades e descontinuidades, em um contínuo movimento, como todos os que vivem sob o vento marinho na cidade do Rio de Janeiro com períodos de mudanças espaciais, objetivos do serviço e atividades realizadas. O que permanece contínuo nessa trajetória são os usuários do serviço de saúde mental, entre eles os artistas Gilmar Ferreira e Leonardo Lobão, que estão presentes em diversos documentos do Museu Bispo do Rosario e em suas histórias orais desde a fundação deste ateliê, produzindo muitas obras de arte ao longo do período.

Adota-se aqui como alternativa ao termo tradicionalmente usado (a saber, patrimônio) o de *fratrimônio*, proposto por Mário Chagas, que parece mais próximo da realidade social do Ateliê Gaia. A carga que se transmite e se recebe na contemporaneidade e certamente justifica a licença poética, carregada de afeto. “Já não se trata de uma herança materna ou paterna, mas de alguma coisa partilhada entre os contemporâneos, entre os amigos e irmãos, entre os membros de uma mesma comunidade” (Chagas 2016, p. 144). A perspectiva sincrônica do patrimônio permite pensar e trabalhar com a produção e o usufruto dos bens culturais de forma ampla. A evocação ao *fratrimônio* parece útil, pois se refere à construção de algo compartilhado por amigos ou membros da mesma comunidade, o que se relaciona à realidade vivida pelos artistas do Ateliê Gaia.

A partir da breve história do Ateliê Gaia, observa-se que ele não é um projeto efêmero. Ele

é visto como uma parte viva e pulsante do Museu Bispo do Rosario, destacando-se no cuidado de pessoas e obras de arte. Alguns artistas frequentam o espaço há mais de 20 anos. Encerra-se esta reflexão homenageando todos os seus artistas, que lutaram por esse espaço, resistem e existem, e produzem obras inigualáveis que compõem a história da arte brasileira. O Museu Bispo do Rosario deve se orgulhar e valorizar os artistas do Gaia, considerando este um serviço diferencial para o museu. Acredita-se que a produção artística nesse espaço seja fraterno. Que esse fraterno continue e avance! Que o grupo de artistas consiga continuar reconstruindo sua própria história.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, R. R. **Museu e produção de subjetividades**. 2010. 263 f. Tese (Doutorado em Memória Social) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. **Colônia Juliano Moreira: ações conclusivas do processo de municipalização e redefinição de área: relatório final**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
- BARRETO, Waldir; GOMES, Jorge. **Folder do Museu Nise da Silveira. Uma casa de história, arte, cultura e saúde**. (Arquivo do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, Rio de Janeiro). S.d.
- CORRÊA, D. A. **Arthur Bispo do Rosario: sua trajetória como artista plástico**. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- FABRÍCIO, P. C.; AMENDOEIRA, M. C. R.; CAVALCANTI, M. T. **Atelier Gaia: sua história e a arte no campo da atenção**

psicossocial. **Revista baiana de saúde pública**, [s. l.], v. 40, n. 2, p. 336-353 abr./jun, 2016. Disponível em: <http://www.rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/1977>.

GOGAN, Jessica; ADAMS, Denise. Cardumes, auras e bainhas: Trêsformance de Arlindo Oliveira. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**, v. 25, n. 44, 2020.

MONTENEGRO, Lucas Antonio; DOS SANTOS ARAUJO, Margarete. Quem atirou em nós, errou: arte e produção de subjetividade no Atelier Gaia. **Academus Revista Científica da Saúde**, v. 2, n. 2, 2017.

NASCIMENTO, F. R.; MAIA, Andrea. **O Artista Gilmar Ferreira em sua trajetória de inclusão / exclusão na instituição de tratamento**. In: IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011, Curitiba. IX Reunião de Antropologia do Mercosul - Culturas, Encontros e Desigualdades, 2011.

SOARES, R. **Um estudo de caso em terapia ocupacional: Lâminas cromáticas de Raimundo, carbonando sua vida no atelier do IMAS- Juliano Moreira**. 2007. 65 f. Monografia (Graduação em Terapia Ocupacional) — Universidade Castelo Branco, 2007.

CHAGAS, M. de S. Patrimônio é o caminho das formigas... In: CASTRO, M. B. de.; SANTOS, M. S. dos (orgs.). **Relações raciais e políticas de patrimônio**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial; Coleção Museu Afrodigital, 2016.

POESIA

ELZI LOPES

Aqui no Museu Bispo do Rosario
Tem um lugar para ser visto
Ele transmite toda ilusão
Coisas lindas que nossos artistas
Pintaram e bordaram
Com muita emoção
As paredes brancas estão coloridas
Com tanta beleza
Quadros de sutilezas e imaginação
Esse lugar é lindo
Junto à natureza
Venha conhecer o Ateliê Gaia, essa riqueza





SAÚDE



Prefeito da cidade do Rio de Janeiro

Eduardo Paes

Secretário Municipal de Saúde

Daniel Soranz

Subsecretária Executiva

Vitória Vellozo

Subsecretária de Atenção Hospitalar, Urgência e Emergência

Teresa Cristina Navarro Vannucci

Superintendente de Urgência e Emergência

Paulo Silveira

Superintendente de Hospitais Gerais e Especializados

Aline Affonso

Superintendente de Hospitais Pediátricos e Maternidades

Marcio Ferreira

Superintendente de Saúde Mental

Hugo Fagundes

**Diretora do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano
Moreira**

Luciana Cerqueira

**Vice-diretora do Instituto Municipal de Assistência à Saúde
Juliano Moreira**

Rosangela Nery

Gerente Administrativo

Jorge de Oliveira Corrêa

Chefe de Infraestrutura

Jair Denozor

MUSEU BISPO DO ROSARIO ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretor do Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea

Alexandre Teixeira Trino

Curadoria

Carolina Rodrigues

Curadoria Adjunta

Gabriel Reis

Geovana Melo

Napê Rocha

Coordenação Administrativa

Virginia Castanho

Assistente Administrativo

Aline Pereira

Amanda Franklin

Andressa Carvalho

Coordenadora de Educação e Arte

Diana Kolker

Assistente de Arte – Ateliê Gaia

Juliana Trajano

Assistente de Educação

Jandir Junior

Rennan Carmo

Mediadores

Fredson Araújo

Laura Nascimento

Raphael de Castro

Taisa Vitória

Vanessa Guida

Recepcionistas de Público

Maria José dos Santos
Pablo Motta
Ricardo Moreira

Coordenador de Acervo

Vinícius José

Museóloga

Marcia Nascimento

Estagiária de Museologia

Yasmin do Nascimento Araujo

Arquivista

Marcio Claudio da Silva Pereira

Auxiliares de Arquivologia

Alfredo Dias Ferreira
Lennon Martins Pontes
Nilza da Theodoro da Silva
Thayná Alamar de Andrade

Coordenador de Comunicação

Alan de Jesus

Assessoria de Comunicação

Alex Motta
Lays Santos

Coordenador de Projetos

Marcos Pinheiro

Assistente de Projetos

Roger Almeida

Coordenador de Produção

Nelson Teles

Auxiliar de Produção

Wellington Martins

Coordenadora Financeira

Marianna Crespo

Coordenadora do Centro de Cultura e Convivência Pedra Branca

Cecilia Estella

Articuladores Territoriais

Artur Torres
Bernardo Ferreira

Oficineiros

Danielle Isidoro
Elihas Di Jorge
Isabelle Costa
Leandro Nunes
Claudia Maria de Oliveira
Walter Almeida Filho
Cristina Correa
Maria Isabel Santos
Mario Rotnitzky
Miriam Almeida
Tayalane Santana

Assistente Administrativo

Erotides Beata

Recepcionista

Alexandre Alves Andre de Deus

Psicóloga

Nina Rodrigues

Coordenadora do Programa de Geração de Renda

Marcelle Souza

Assistentes do Programa de Geração de Renda

Claudio Lopes
Clebson Prates
Gerusa Manhago Aiolfi dos Santos
Sergio Murilo
Washington Barros

Assistente de Agroecologia

Leandro Bieluczyk

Assistente de Economia Solidária

Manuela Giácomo

Nutricionista
Whine Queiroz

Auxiliar Administrativo
Rafaelle Cruz
Tainã Brussi

BRASS – BISPO DO ROSARIO ASSOCIAÇÃO CULTURAL

Presidente
João Henrique Queiroz

Vice-Presidente
Evandro Coelho

Tesoureira
Juliana Teodoro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ateliê Gaia : catálogo / [organização Museu Bispo do Rosário]. -- Rio de Janeiro : BRASS, 2024.

ISBN 978-85-93506-04-8

1. Arte - Brasil - Catálogos 2. Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea 3. Museus - Coleções
I. Museu Bispo do Rosário.

24-230463

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte contemporânea : Exposições : Catálogos
700.74

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

ATELIÊ GAIA

ARTISTAS

André Bastos in memorian
Arlindo Oliveira
Clovis Aparecido
Gilmar Ferreira
Ivanildo Ferreira
Jane Almendra
Leonardo Lobão
Luiz Carlos Marques
Patrícia Ruth
Pedro Mota
Ranieri
Rogéria Barbosa
Sebastião Swayzzer
Victor Alexandre

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Roger Almeida

PROJETO GRÁFICO

Claudia Revoredo

FOTOGRAFIA DO ACERVO

Sara Emídio

FOTOGRAFIA

Alex Motta

MUSEÓLOGA

Amanda Rangel Iorio

REVISÃO

Alan de Jesus

AUTORES

Alexandre Teixeira Trino
Andrea Maia G. Pires
Carolina Rodrigues
Diana Kolker
Elzi Lopes
Gabriel Reis
Geovana Melo
Juliana Trajano
Napê Rocha
Priscila Faulhaber Barbosa

BOLSISTA DE PRODUÇÃO

Kerolay Leite

AGRADECIMENTOS

Alexandra Souza
Ana Beatriz da Silva Barbosa
André Côrtes
Angélica de Lacerda
Cadu
Camila de Lacerda
Cosma Maria da Silva Barbosa
Detagek Cenografia
Flavia Passos
Nilton Gamba
Gisele de Paula
Marianna Vieira
Nilton Gamba
Raquel Fernandes
Rogério Marques Gonçalves
Silvana Conceição de Lima



Estrada Rodrigues Caldas, 3400
| Taquara - Jacarepaguá
22713-375 Rio de Janeiro - RJ
+55 (21) 3432 2402
contato@museubispodorosario.com

Visitação das galerias
Terça a sábado, das 9h às 17h.

Funcionamento Centro de Cultura e
Convivência Pedra Branca
Segunda a sexta, das 9h às 17h.

Secretaria - Edifício Sede
Segunda a sexta, das 9h às 17h.

Estacionamento gratuito

Visitas mediadas em português e inglês para
todos os públicos podem ser agendadas pelo
e-mail: agendamento@museubispodorosario.com